

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

CAMILLA SILVEIRA PÉRICO

A CIDADE COMO A GENTE VÊ:

Fotolivro com a perspectiva das crianças da periferia de Florianópolis

Florianópolis

2025

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

CAMILLA SILVEIRA PÉRICO

A CIDADE COMO A GENTE VÊ:

Fotolivro com a perspectiva das crianças da periferia de Florianópolis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Design do Câmpus Florianópolis do Instituto Federal de Santa Catarina para a obtenção do diploma de Bacharel em Design.

Orientador: Filipe Aguiar Cargnin, Dr

Florianópolis

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor.

Périco, Camilla

A CIDADE COMO A GENTE VÊ: Fotolivro com a perspectiva das crianças da periferia de Florianópolis / Camilla Périco; orientação de Filipe Aguiar Cargnin. - Florianópolis, SC, 2025. 97 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Florianópolis. Bacharelado em Design. Departamento Acadêmico de Metal Mecânica. Inclui Referências.

1. Design editorial. 2. Fotografia. 3. Infância. 4. Periferia. 5. Representação social. I. Aguiar Cargnin, Filipe. II. Instituto Federal de Santa Catarina. III. A CIDADE COMO A GENTE VÊ: Fotolivro com a perspectiva das crianças da periferia de Florianópolis.

A CIDADE COMO A GENTE VÊ:

Fotolivro com a perspectiva das crianças da periferia de Florianópolis

CAMILLA SILVEIRA PÉRICO

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Design e aprovado na sua forma final pela banca examinadora do Curso de Design do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

Florianópolis, 18 de dezembro de 2025.

Banca Examinadora:

Filipe Aguiar Cargnin, Dr

Deise Albertazzi Gonçalves Tomelin, Dra
Instituto Federal de Santa Catarina

Débora Rosa Nascimento, Dra
Instituto Federal de Santa Catarina

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo desenvolver um material gráfico que valorizasse a expressão visual de crianças da periferia de Florianópolis por meio da fotografia, utilizando o design editorial como ferramenta de escuta, representação e visibilidade social. A pesquisa-ação foi realizada com cinco crianças de 7 a 9 anos, moradoras da comunidade de Monte Serrat e estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola social da região. A coleta de dados envolveu uma rodada de registros fotográficos e a realização de um grupo focal para discussão das imagens produzidas. As fotografias e as transcrições do grupo focal foram analisadas por meio da análise de conteúdo, em diálogo com referenciais da sociologia da infância, da cultura visual e do design editorial. Os resultados evidenciaram que o olhar das crianças sobre a periferia se organiza em torno de quatro eixos principais: resiliência, denúncia, afeto e território. A partir desses eixos, foi concebido o fotolivro “*A cidade como a gente vê*”, desenvolvido com base no método projetual de Munari e em princípios de design editorial, configurando-se como um dispositivo de mediação cultural e de reversão narrativa. Conclui-se que a articulação entre fotografia e design editorial constitui um caminho fecundo para ampliar a escuta das infâncias periféricas e tensionar representações hegemônicas sobre a cidade.

Palavras-Chave: Design editorial. Fotografia. Infância. Periferia. Representação social.

ABSTRACT

This work aimed to develop a graphic artifact that values the visual expression of children living in the outskirts of Florianópolis through photography, using editorial design as a tool for listening, representation, and social visibility. The action research was conducted with five children aged 7 to 9, residents of the Monte Serrat community and students in the 2nd grade of a local social school. Data collection involved one round of photographic records and a focus group in which the children discussed the images they had produced. The photographs and focus group transcripts were analyzed using content analysis, in dialogue with theoretical frameworks from the sociology of childhood, visual culture and editorial design. The results show that the children's views on the periphery are organized around four main axes: resilience, denouncement, affection, and territory. Based on these axes, the photobook "*The City as We See It*" was conceived, developed according to Munari's design method and editorial design principles, and configured as a device for cultural mediation and narrative reversal. The study concludes that the articulation between photography and editorial design is a fruitful path to broaden the listening to peripheral childhoods and to challenge hegemonic representations of the city.

Keywords: Editorial design. Photography. Childhood. Periphery. Social representation.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de conclusão de curso foi possível graças à presença, apoio, incentivo e generosidade de pessoas muito queridas, a quem dedico estas linhas com profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço imensamente ao meu orientador, Filipe Aguiar Cargnin, por toda paciência, dedicação e cuidado. Durante todo o processo, pude contar com sua orientação atenciosa, com conselhos valiosos e, sobretudo, com a tranquilidade e o acolhimento que me ajudaram a atravessar cada uma das etapas deste percurso. Sua disponibilidade em me ouvir, guiar e acreditar no meu projeto fez toda a diferença; devo muito a você este trabalho.

Agradeço, de modo especial, à minha amiga Aline Terozzeni, professora da turma em que realizei minha pesquisa e grande companheira em todos os momentos. Cada carona, cada abraço e cada gesto de cuidado com a turminha do 2º ano foram fundamentais para que o projeto ganhasse vida. Seu apoio diário, sua amizade e sua generosidade tornaram tudo possível e muito mais leve.

À minha amiga de infância Leticia Sombrio, que mesmo de longe nunca deixou de estar presente, obrigada pelas conversas, pelo carinho e por acreditar neste projeto com tanta intensidade. Sua amizade, construída ao longo de tantos anos, permanece sendo um refúgio e uma força que me acompanha em cada passo. Sua confiança em mim durante este processo foi essencial.

Sou extremamente grata à Juliana Alves, amiga que esteve ao meu lado em todas as fases deste TCC. Pelos incentivos, por não deixar que eu desistisse, por me ouvir nos momentos mais difíceis e, principalmente, por acreditar em mim quando eu própria duvidava, meu enorme “obrigada”. Sua presença foi e é indispensável.

Registro, também, meu carinho e gratidão às amigas Suzy Parente, Liliane Matsuzawa e Victoria Lima, que foram apoio constante para todas as horas e estiveram presentes em pequenos e grandes momentos, trazendo leveza e amizade.

Agradeço profundamente às professoras Deise e Débora, membros da banca avaliadora. Deise, por ter ministrado a disciplina de fotografia e, assim, inspirado diretamente o tema deste trabalho; por seu entusiasmo, rigor e sensibilidade. Débora, por ter guiado a disciplina de pré-TCC, onde tive o primeiro contato com o

desenho do projeto que culminaria neste livro, seu incentivo naquele início foi indispensável.

Às vinte e cinco crianças da turma e, de modo especial, às cinco que estiveram mais diretamente envolvidas no projeto, agradeço pelo olhar generoso, pela confiança, criatividade e protagonismo. Este trabalho é, sobretudo, de vocês, obrigado por me ensinarem tanto sobre a periferia e sobre infância.

À minha mãe agradeço pelo amor incondicional, pelo exemplo, pela força e por acreditar em mim com tanta intensidade em todos os projetos da vida. Nenhum passo seria dado sem esse suporte.

Por fim, um agradecimento especial à Gabriele Vitoria de Jesus, amiga que infelizmente se foi neste ano, mas que permaneceu viva em tantas conversas sobre o TCC, nas trocas sinceras e no entusiasmo com que compartilhávamos dúvidas e descobertas de pesquisa. Este livro também é por você e carrega um pedaço da nossa caminhada conjunta.

A todos vocês, meu mais profundo e afetuoso agradecimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Postagem oficial das redes sociais da Prefeitura de Florianópolis.....	3
Figura 2 – Imagem retirada do livro Children Framing Childhood.....	14
Figura 3 – Capa do livro Da Minha Janela.....	29
Figura 4 – Modelos de câmeras digitais utilizadas na pesquisa.....	30
Figura 5 – Moodboard.....	47
Figura 6 – Protótipos rápidos para testes de manuseio.....	49
Figura 7 – Exemplo de como o grid foi utilizado.....	51
Figura 8 – Fonte Subway Berlin SC.....	52
Figura 9 – Fonte Poppins.....	53
Figura 10 – Frase escrita manualmente por uma das crianças.....	54
Figura 11 – Uma das fotografias escolhida pelas crianças.....	56
Figura 12 – Imagem reintroduzida no fotolivro pela autora.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Problema	2
1.2 Objetivos	2
1.2.1 Objetivo geral	2
1.2.2 Objetivo específico	2
1.3 Justificativa	3
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
2.1 Condução da revisão de literatura	5
2.2 Teorias sobre a infância	5
2.2.1 Teorias clássicas do desenvolvimento infantil	6
2.2.2 Teorias contemporâneas do desenvolvimento infantil	7
2.2.3 Nova Sociologia da Infância	8
2.3 Design editorial	9
2.3.1 Fotografia	10
2.3.2 O design editorial e a fotografia	11
2.4 Pesquisas com crianças	13
2.4.1 A fotografia como método de pesquisa	14
2.5 Desafios éticos	15
2.5.1 Consentimento livre e esclarecido	16
2.5.2 Relacionamento entre pesquisador e participante	17
3 MÉTODO	19
3.1 Registros fotográficos e grupo focal	20
3.1.1 Submissão ao comitê de ética	20
3.1.2 População e amostra	20
3.1.3 Consentimento e assentimento	22
3.1.4 Registros fotográficos	22
3.1.5 Grupo focal	22
3.1.6 Confidencialidade	23
3.1.7 Riscos	23
3.1.8 Benefícios	24
3.1.9 Análise de dados	26
4 DESENVOLVIMENTO DO FOTOLIVRO A CIDADE COMO A GENTE VÊ	27
4.1 Definição do problema	27
4.2 Coleta de dados	28
4.3 Análise de dados	31
4.3.1 Dinâmica do grupo focal e procedimentos de análise	31
4.3.2 Eixos temáticos emergentes: resiliência, denúncia, afeto e território	32
4.3.3 Convergências, contrastes e autoria infantil	33
4.3.4 Síntese interpretativa e implicações para o design do fotolivro	34
4.4 Experimentação: primeiras iterações de design	35

4.4.1 Definição dos parâmetros iniciais e briefing visual	35
4.4.2 Busca de referências e construção de moodboard	36
4.4.3 Exploração de formatos e dimensões	37
4.4.4 Experimentação com sistemas de grid	39
4.4.5 Exploração tipográfica	41
4.4.6 Exploração da paleta cromática	44
4.5 Solução final	45
4.5.1 Curadoria e estrutura do conteúdo	45
4.5.2 Projeto gráfico	48
4.6 Considerações finais do desenvolvimento do fotolivro	51
5 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA	59
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	65
APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	68
APÊNDICE D - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL	70
APÊNDICE E - VERSÃO FINAL DO FOTOLIVRO	72

1 INTRODUÇÃO

A infância, sobretudo nos territórios periféricos das grandes cidades brasileiras, é marcada por desafios estruturais que comprometem o direito à expressão, à escuta e à visibilidade cultural. Em Florianópolis, as infâncias que habitam as regiões periféricas vivenciam cotidianamente processos de silenciamento simbólico e exclusão territorial, reforçados por desigualdades sociais e narrativas midiáticas que ignoram suas formas legítimas de existência (Luz, 2023; Silva; Pereira, 2021). Nesse cenário, torna-se fundamental refletir sobre metodologias que permitam à criança ocupar um lugar de sujeito ativo na produção de sentido, especialmente por meio de linguagens sensíveis como a fotografia e o design gráfico.

A fotografia, compreendida como linguagem estética e comunicacional, oferece à criança a possibilidade de construir e representar seu próprio mundo. Luttrell (2021) argumenta que, ao oferecer câmeras às crianças, abre-se uma via para que suas visões e afetos sejam incorporados de modo autêntico à pesquisa, revelando modos de ser e perceber o mundo que escapam às narrativas adultocêntricas. Essa perspectiva é corroborada por Einarsdóttir (2005), que reconhece na fotografia uma estratégia potente de acesso às percepções infantis, por meio de registros que transcendem a linguagem verbal. Para Loizou (2011), o uso de câmeras não apenas empodera as crianças no processo de pesquisa, mas também evidencia sua capacidade de humor, crítica e imaginação.

Ao reunir fotografia e design editorial, esta pesquisa propõe um material gráfico que valorize as narrativas visuais de crianças da periferia de Florianópolis, com base em registros produzidos por elas e pela pesquisadora, em uma abordagem colaborativa e ética. O design aqui não se limita à função estética ou técnica; ele se apresenta como uma ferramenta de escuta e mediação cultural (Casteleiro-Pitrez; Barradas, 2020; Gruszynski, 2015). Como defende Santos (2024), o design editorial tem o potencial de traduzir visualmente saberes científicos e cotidianos de forma acessível, sensível e socialmente engajada.

Além disso, a fundamentação ética do trabalho está apoiada em autores que discutem o direito das crianças à cidade e à representação simbólica (Carvalho *et al.*, 2022; Silva; Mendes; Alves, 2016). A proposta está alinhada às reflexões de Hooks (2013), ao afirmar a importância de criar espaços onde vozes historicamente

silenciadas possam emergir com potência e dignidade. Como destaca Moura (2017), “a fotografia não mostra a verdade, mas é capaz de revelá-la em sua complexidade, denunciando silêncios e criando presenças”.

1.1 Problema

Nas representações hegemônicas da cidade de Florianópolis — como se observa nas redes sociais da Prefeitura e em produções institucionais de divulgação, a exemplo do vídeo “Floripa - Verão” (Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2025)¹ — pouco se conhece sobre as infâncias que se desenvolvem nas periferias urbanas, onde questões como desigualdade social, exclusão territorial e invisibilidade midiática são recorrentes. As crianças que crescem nesses espaços raramente têm suas vivências compreendidas como legítimas ou dignas de registro, sendo muitas vezes silenciadas tanto pela ausência de políticas públicas quanto pela escassez de meios de expressão cultural. Diante disso, torna-se relevante pensar em ferramentas que possam ampliar essas vozes e narrativas a partir de linguagens sensíveis, como a fotografia e o design gráfico.

Nesse contexto, definiu-se o seguinte problema de pesquisa: Como a fotografia, aliada ao design gráfico, pode atuar como ferramenta de expressão e visibilidade para as infâncias periféricas de Florianópolis?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Desenvolver um livro que valorize a expressão visual de crianças da periferia de Florianópolis por meio de registros fotográficos realizados por elas e pela pesquisadora, utilizando o design editorial como ferramenta de escuta, representação e visibilidade social.

1.2.2 Objetivos específicos

1. Investigar a utilização da fotografia como linguagem de expressão na infância.
2. Realizar registros fotográficos autorais e participativos com crianças da

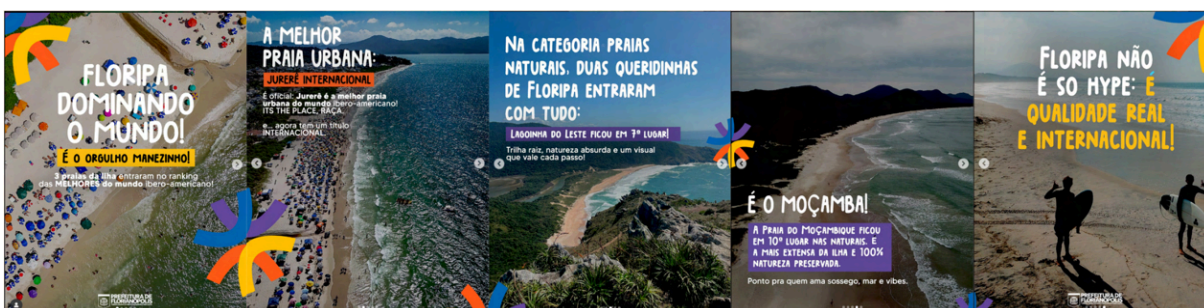
¹ [Floripa - Verão - YouTube](#)

- periferia.
3. Analisar os aspectos semânticos e sintáticos presentes nas imagens produzidas pelas crianças e pela pesquisadora.
 4. Projetar a diagramação de um material que traduza essas narrativas visuais com sensibilidade e coerência estética.

1.3 Justificativa

As infâncias que se desenvolvem nas periferias urbanas brasileiras estão submetidas a múltiplas formas de exclusão social, simbólica e territorial. Em cidades marcadas por processos históricos de segregação, como Florianópolis, as vivências de crianças periféricas são frequentemente silenciadas nos discursos oficiais, nas mídias e nas produções culturais (Luz, 2023; Silva; Pereira, 2021), como ilustra a Figura 1. Esse apagamento compromete não apenas o direito à cidade, mas também o direito à expressão e à construção de identidades culturais legítimas (Carvalho *et al.*, 2022).

Figura 1 - Postagem oficial das redes sociais da Prefeitura de Florianópolis



Fonte: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2025

A presente pesquisa justifica-se por articular a fotografia e o design editorial como linguagens visuais capazes de ampliar as possibilidades de expressão e visibilidade de crianças em contextos periféricos. A fotografia, quando utilizada como ferramenta metodológica e estética, permite que crianças participem ativamente da produção de significados sobre seus cotidianos (Einarsdóttir, 2005; Loizou, 2011). Luttrell (2021) ressalta que imagens produzidas por crianças revelam dimensões afetivas, políticas e culturais de suas vidas, oferecendo um olhar que escapa às interpretações adultocêntricas. Nessa perspectiva, a imagem torna-se não apenas

um registro, mas uma forma de enunciação, autoria e resistência.

Ao integrar o design editorial ao processo, propõe-se um deslocamento do design como prática exclusivamente técnica para um campo expandido, no qual a estética está a serviço da escuta, da mediação e da participação social (Pitrez; Barradas, 2020; Gruszynski, 2015). O design, nesse contexto, atua como linguagem sensível capaz de traduzir visualmente os olhares infantis, respeitando sua complexidade e legitimando suas narrativas. Santos (2024) destaca o papel do design editorial como estratégia de democratização da informação e de valorização de saberes historicamente marginalizados.

A opção pela abordagem da pesquisa-ação fortalece o compromisso ético do estudo, permitindo a construção colaborativa do conhecimento e a valorização da criança como sujeito ativo e produtor de cultura (Martins Filho; Barbosa, 2010; Punch, 2002). Essa metodologia se alinha à concepção da criança como agente social, conforme defendido por autores da sociologia da infância, como Alan Prout (2010), que propõe uma escuta qualificada e comprometida com os direitos das crianças à participação e representação.

Do ponto de vista ético-político, a proposta se ancora nas reflexões de Bell Hooks (2013), que defende a criação de espaços para a emergência de vozes historicamente silenciadas. Ao propor um livro que valorize a expressão visual infantil em territórios periféricos, a pesquisa pretende não apenas ampliar o repertório metodológico no campo do design, mas também contribuir para práticas comunicacionais mais inclusivas, sensíveis e comprometidas com a transformação social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho tem como objetivo fornecer uma base conceitual sólida que dê suporte ao processo de desenvolvimento de um material gráfico sobre a percepção infantil da periferia. Este projeto tem como foco principal compreender e comunicar, por meio da fotografia, como as crianças enxergam o território onde vivem, valorizando suas narrativas, olhares e experiências cotidianas. No entanto, para que a proposta seja desenvolvida, torna-se necessário o entendimento dos contextos das temáticas da pesquisa, como: teorias sobre a infância, pesquisas com crianças e seus desdobramentos, métodos de pesquisa com crianças, a fotografia como método de pesquisa e o design editorial como forma de trazer visibilidade ao tema.

2.1 Condução da revisão de literatura

A revisão da literatura foi conduzida com o objetivo de fornecer uma base conceitual sólida para o desenvolvimento deste projeto, embasando a compreensão da infância, as metodologias de pesquisa com crianças e os desafios éticos inerentes a este tipo de estudo. A pesquisa bibliográfica permitiu a articulação entre diferentes campos do saber, sustentando as escolhas conceituais e metodológicas que orientam a proposta.

2.2 Teorias sobre a infância

A compreensão da infância tem passado por significativas transformações ao longo da história, evoluindo de uma visão que frequentemente a posicionava como uma fase passiva do desenvolvimento para uma perspectiva que reconhece a criança como um sujeito ativo e competente. Esta pesquisa alinha-se a essa visão contemporânea, que valoriza a agência infantil e a complexidade das interações que moldam o desenvolvimento humano.

Autores como Ariès (1981) demonstram que a infância é uma construção social e cultural, e não uma fase meramente biológica. Essa compreensão histórica é crucial para o presente estudo, pois permite questionar as formas tradicionais de representar e pesquisar crianças, abrindo espaço para abordagens mais sensíveis e respeitosas. Adicionalmente, a Nova Sociologia da Infância (NSI) reforça a premissa

de que as crianças são capazes de expressar opiniões, interpretar o mundo ao seu redor e contribuir significativamente para a construção do conhecimento.

Ao considerar as crianças como participantes ativos, o estudo busca uma escuta sensível e uma relação horizontal, respeitando as especificidades da infância como categoria social e relacional. Essa abordagem é fundamental para compreender o olhar infantil sobre os territórios periféricos, valorizando o modo singular com que as crianças se expressam e atribuem significados à sua realidade, e garantindo que a pesquisa seja conduzida de forma ética e participativa.

2.2.1 Teorias clássicas do desenvolvimento infantil

O biólogo e psicólogo suíço Jean Piaget [1896–1980] desenvolveu uma das teorias mais influentes sobre o desenvolvimento infantil, propondo que o desenvolvimento cognitivo ocorre através de quatro estágios sequenciais: sensório-motor (0-2 anos), pré-operatório (2-7 anos), operatório concreto (7-11 anos) e operatório formal (11 anos em diante) (Greig; Taylor; Mackay, 2012). Para Piaget, a criança constrói ativamente seu conhecimento através da interação com o ambiente, organizando estímulos e adaptando-se a novas experiências.

A teoria piagetiana em sua obra clássica *A representação do mundo na criança* (1926), enfatiza que o desenvolvimento cognitivo não é explicado apenas por mecanismos inatos ou pela experiência, mas sim pela atuação conjunta desses fatores, organizados por um mecanismo interno de “equilibração”.

O médico neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud [1856–1939], por sua vez, desenvolveu a teoria do desenvolvimento psicosssexual, propondo que os seres humanos possuem uma libido (energia sexual) instintiva que se desenvolve através de cinco estágios: oral, anal, fálico, latência e genital, cada estágio é caracterizado por uma zona erógena específica, e conflitos não resolvidos em qualquer fase podem influenciar a personalidade adulta.

Para Freud, a personalidade é composta de três partes: id, ego e superego. Segundo o Instituto Brasileiro de Psicanálise (2023) o id é a base instintiva, totalmente inconsciente, regida pelo princípio do prazer — busca satisfação imediata, sem considerar a realidade ou a moralidade. O ego atua como mediador entre os desejos do id, as exigências da realidade e as normas do superego, buscando o equilíbrio psíquico. Já o superego incorpora os valores morais e sociais

internalizados, funcionando como uma instância crítica e idealizadora. Essas três forças estão em constante tensão, moldando nossos pensamentos e comportamentos.

Apesar de a psicanálise ter alguns de seus conceitos amplamente difundidos entre o público leigo e ser frequentemente vista como um dos pilares da Psicologia, boa parte das ideias propostas por Freud e outros autores ligados a essa abordagem não é passível de verificação pelo método científico. Mesmo com essas limitações no campo da testabilidade, as teorias psicodinâmicas foram importantes para evidenciar que os desafios vivenciados pelas crianças seguem uma certa sequência ao longo da formação da personalidade, além de continuarem sendo aplicadas em algumas formas de intervenção terapêutica (Greig; Taylor; Mackay, 2012).

2.2.2 Teorias contemporâneas do desenvolvimento infantil

O psicólogo cognitivo-social canadense Albert Bandura [1925-2021] revolucionou a forma como se entende a aprendizagem, ao valorizar os processos cognitivos do indivíduo em seu contexto social. A Teoria Cognitiva Social (TSC), inicialmente conhecida como Teoria da Aprendizagem Social, foi formulada a partir da premissa de que o sujeito não é um mero receptor passivo de estímulos ambientais, mas um agente ativo do seu próprio desenvolvimento, interagindo de modo intencional com as circunstâncias da vida (Batista, 2023).

A ênfase de Bandura na agência humana representa um diferencial significativo em sua teoria. Ao conceber o sujeito como um agente do próprio desenvolvimento que interage intencionalmente com as circunstâncias da vida, a TSC se afasta de visões deterministas que posicionam o indivíduo como um mero produto do ambiente. Essa abordagem implica que as pessoas não são simplesmente moldadas pelo seu entorno, mas também possuem a capacidade de interpretá-lo, responder a ele e, em certa medida, influenciá-lo (Batista, 2023).

Já a Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner [1917-2005] postula que o desenvolvimento não é um evento isolado, mas um processo contínuo moldado por interações complexas dentro de diversos sistemas interconectados ao longo do tempo. A teoria concebe o desenvolvimento como um fenômeno de continuidade e mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos, indicando que os

indivíduos estão em constante evolução, influenciados por sua constituição biológica, traços psicológicos e os ambientes que habitam (Bareeto, 2016).

Inicialmente, o trabalho de Bronfenbrenner foi conhecido como Teoria dos Sistemas Ecológicos, com uma ênfase primordial nas influências contextuais. Contudo, a teoria evoluiu para o modelo mais sofisticado, o Modelo Bioecológico, que atribuiu uma importância ainda maior ao papel crítico das interações próximas e regulares no desenvolvimento. Essa evolução representa uma transição de um foco puramente ambiental para um que reconhece o papel ativo do indivíduo dentro de seu ambiente (Santos; Boing, 2018).

A relevância dessa teoria para o desenvolvimento humano e familiar é inegável. Ela reconhece a profunda importância tanto dos contextos próximos (microssistemas) quanto dos remotos na moldagem do desenvolvimento (Barreto, 2016). A teoria transcende as explicações individualistas, afirmando que a compreensão do desenvolvimento exige a consideração das múltiplas camadas de influência que cercam um indivíduo e sua família.

2.2.3 Nova Sociologia da Infância

A compreensão da infância tem sido historicamente moldada por visões que frequentemente a posicionam como uma fase "natural e universal" da vida, caracterizando a criança como um ser passivo, em processo de desenvolvimento e dependente da socialização adulta. Essa perspectiva tradicional, enraizada em disciplinas como a psicologia do desenvolvimento e a pedagogia, tende a confinar a criança a espaços e tempos específicos, como a escola e a família, tornando-a predominantemente um objeto de estudo e intervenção, e não um sujeito ativo (Marchi, 2009).

No entanto, a partir dos anos 1980, emergiu um campo de estudos transformador: a Nova Sociologia da Infância (NSI). Essa disciplina consolidou-se na arena científica internacional, impulsionada pelo movimento do "retorno do ator" às Ciências Sociais em fins dos anos 1960 e pela crescente visibilidade da infância na agenda pública e política (Evangelista; Marchi, 2022). A NSI propõe uma crítica contundente às abordagens clássicas da socialização, buscando desconstruir a aparente obviedade e legitimidade do paradigma tradicional da infância. Seu objetivo central é questionar as imagens convencionais da infância, da criança e de sua

educação no Ocidente.

A NSI refuta a ideia de que a infância é uma fase biológica imutável e universal. Em vez disso, postula que a infância é uma categoria variável do ponto de vista histórico, cultural e social, constantemente sujeita a processos de negociação tanto na esfera pública quanto na privada. A compreensão moderna da infância, tal como a conhecemos hoje, começou a tomar forma entre os séculos XVI e XVII, ganhando expressão social mais ampla nos últimos 150 anos, em paralelo com a instalação da modernidade. Esse processo de construção social não foi isento de conflitos, sendo a história da infância marcada por uma luta política pela sua definição, educação e controle (Evangelista; Marchi, 2022).

A noção de "construção social" implica que a realidade é moldada pela ação histórica dos agentes sociais, em uma interação contínua entre agência e estrutura. Referenciando os sociólogos Anthony Giddens e Pierre Bourdieu, a NSI entende que os seres humanos fazem a história, mas não o fazem em condições de sua própria escolha, estando suas ações limitadas e, ao mesmo tempo, possibilitadas por estruturas sociais preexistentes. As "estruturas estruturantes", como os sistemas simbólicos (língua, arte, ciência), constroem o sentido imediato do mundo e estão no centro da luta política para conservar ou transformar a realidade social. Isso significa que a infância, como outras realidades sociais, é objetivada e interiorizada, com os atores sociais utilizando e transformando recursos legados por gerações anteriores, que, por sua vez, atuam como limitações à sua ação.

A crítica da NSI estende-se à psicologia do desenvolvimento, particularmente ao pensamento de Jean Piaget. A NSI critica sua visão evolucionista e determinista, que concebia a criança como um ser "em devir", uma espécie de "proto-adulto", cuja existência representava uma "passagem" em direção à vida adulta, em vez de um ser "no presente" com valor intrínseco. Essa abordagem, ao ligar a imaturidade biológica da criança a aspectos sociais da infância, naturalizou julgamentos de valor e moldava comportamentos infantis de acordo com estágios de desenvolvimento predeterminados (Marchi, 2009).

2.3 Design editorial

O design editorial, neste estudo, é compreendido como uma ferramenta estratégica para a organização e apresentação visual de narrativas, transcendendo

sua função meramente estética ou técnica. Ele atua como um meio de escuta e mediação cultural (Casteleiro-Pitez; Barradas, 2020; Gruszynski, 2015), capaz de traduzir visualmente as percepções das crianças sobre a periferia. A fotografia, por sua vez, é empregada como uma linguagem estética e comunicacional que oferece às crianças a possibilidade de construir e representar seu próprio mundo, revelando modos de ser e perceber que escapam às narrativas adultocêntricas (Luttrell, 2021; Loizou, 2011; Einarsdóttir, 2005).

A integração do design editorial com a fotografia no presente trabalho visa valorizar as narrativas visuais das crianças da periferia de Florianópolis, com base em registros produzidos por elas e pela pesquisadora. O design, nesse contexto, é fundamental para dar voz a grupos historicamente silenciados, democratizando a informação e valorizando saberes marginalizados (Santos, 2024). A utilização dessas ferramentas visuais será conduzida de forma ética, garantindo que a expressão das crianças seja autêntica e respeitada, e que o material resultante promova visibilidade social e reconhecimento de suas experiências.

2.3.1 Fotografia

Desde sua invenção no século XIX, a fotografia tem desempenhado um papel crucial na maneira como os indivíduos registram, interpretam e comunicam experiências, identidades e realidades sociais. Ao longo do tempo, a imagem fotográfica consolidou-se como linguagem visual potente e complexa, cuja função transcende o simples registro documental, sendo capaz de construir narrativas, instaurar significados e provocar reflexões sociais profundas (Barthes, 1984).

A fotografia opera como um dispositivo semiótico, isto é, um meio de produção de sentidos. Ela condensa símbolos, emoções, contextos e ideologias em uma única moldura visual, que pode ser lida e interpretada de diferentes maneiras, dependendo da bagagem cultural e do posicionamento do espectador (Campbell, 2014). No mundo contemporâneo, marcado pela cultura da imagem, a fotografia ocupa lugar central na articulação das relações entre memória, identidade e política.

No campo acadêmico, a fotografia também tem se afirmado como instrumento legítimo de produção de conhecimento. Projetos de pesquisa em áreas como antropologia, sociologia, educação e artes visuais têm incorporado metodologias visuais que reconhecem a imagem fotográfica como dado empírico e linguagem de

investigação. A pesquisa com/por imagens possibilita a representação de dimensões subjetivas e simbólicas da experiência social que muitas vezes escapam aos métodos exclusivamente discursivos (Harper, 2002).

De acordo com Silva (2020), a fotografia aplicada à pesquisa qualitativa permite explorar o olhar dos sujeitos participantes, oferecendo pistas visuais sobre percepções, afetos e territorialidades. Em contextos educativos, especialmente, a fotografia pode atuar como mediadora entre os saberes escolares e as vivências dos estudantes, favorecendo o protagonismo dos participantes e a emergência de narrativas plurais.

Em iniciativas de educação não formal, a fotografia tem sido utilizada como ferramenta de empoderamento e transformação social. Oficinas de fotografia realizadas em comunidades periféricas, por exemplo, permitem que jovens e crianças construam e compartilhem seus próprios pontos de vista sobre o lugar onde vivem, subvertendo discursos hegemônicos sobre esses territórios. Quando esses registros são sistematizados e difundidos por meio de produtos editoriais, como fotolivros e exposições, cria-se um ciclo virtuoso de reconhecimento e visibilidade (Lupo, 2022).

No meio acadêmico, além de seu uso metodológico, a fotografia também é objeto de análise crítica. Estudos sobre fotojornalismo, representação de corpos e territórios, estética e política da imagem integram um campo interdisciplinar crescente que reconhece a fotografia como agente ativo na construção social da realidade (Santaella; Noth, 2001).

Assim, a fotografia se insere no universo acadêmico tanto como linguagem expressiva quanto como instrumento de conhecimento e estudo. Seu potencial reside na capacidade de articular o sensível e o cognitivo, promovendo uma forma de conhecimento que integra razão, emoção e contexto. Em projetos que envolvem escuta ativa de populações específicas, como crianças residentes em áreas periféricas, a fotografia emerge como meio legítimo de dar voz, revelar perspectivas e produzir ciência com implicações sociais e afetivas relevantes.

2.3.2 O design editorial e a fotografia

O design editorial representa uma das estratégias mais eficazes para ampliar a visibilidade de trabalhos acadêmicos e científicos que envolvem fotografia,

funcionando como uma ponte entre o conhecimento produzido e sua recepção efetiva pela comunidade científica e sociedade em geral. Conforme apontado por Gruszynski (2015), o design editorial contemporâneo enfrenta desafios significativos com a introdução das tecnologias digitais e em rede, os processos de convergência e a publicação multiplataforma, exigindo novos conhecimentos e práticas que redimensionam o campo profissional e acadêmico.

O design editorial desempenha papel fundamental na produção científica contemporânea, sendo responsável por organizar elementos visuais em harmonia com o conteúdo textual, criando uma experiência de leitura que facilita a compreensão e amplia o alcance da pesquisa. Conforme demonstrado por Máximo e Freitas (2016), o design editorial atua como configurador de "percursos ecossistêmicos para a divulgação científica", estabelecendo relações entre processos de construção, engendramento e interpretação de signos que consideram tanto a percepção do designer quanto a leitura do pesquisador e a compreensão do leitor.

A relevância do design editorial para a visibilidade científica é corroborada por estudos que demonstram sua contribuição para a qualidade e credibilidade das publicações científicas. Segundo pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o design de periódicos científicos online está diretamente relacionado à visibilidade da ciência na web, tratando de aspectos como identificação, descrição e intercâmbio de recursos eletrônicos (Gruszynski, 2009).

A relação entre design editorial e fotografia em contextos científicos representa uma sinergia particularmente poderosa. Conforme demonstrado por Crepaldi (2011) em estudo sobre design e fotografia de moda em propostas editoriais, a fotografia editorial distingue-se por envolver elementos narrativos que transcendem o meramente ilustrativo, criando conceitos visuais que inspiram, informam e cativam o público.

O design editorial bem planejado contribui significativamente para a democratização do conhecimento científico, tornando as pesquisas fotográficas mais acessíveis a públicos diversos. Conforme apontado pela Universidade Federal do Ceará, o design editorial pode conferir ao processo editorial resultados satisfatórios tanto em termos de acessibilidade quanto de experiência humana.

2.4 Pesquisas com crianças

A realização de pesquisas com crianças exige o uso de métodos e instrumentos específicos, que respeitem suas características cognitivas, emocionais e sociais, além de garantir a ética e a participação ativa desse público. A abordagem metodológica deve considerar as crianças como sujeitos ativos e protagonistas, capazes de expressar suas percepções e experiências, o que demanda estratégias que ultrapassem os métodos tradicionais de coleta de dados aplicados a adultos (Greig; Taylor; Mackay, 2012).

A complexidade da pesquisa com crianças é ampliada pela existência de "duas lógicas geracionais", as dos adultos e as das crianças, que são inerentemente diferentes, mas entrelaçadas pela cultura e pela história. Isso implica que simplesmente dar voz às crianças não é suficiente; o desafio mais profundo reside na capacidade do pesquisador adulto de compreender, interpretar e representar autenticamente as realidades infantis sem impor preconceitos ou estruturas de pensamento adultas (Filho; Barbosa, 2010). É um processo contínuo de negociação e interpretação, onde a reflexão constante sobre a própria perspectiva do pesquisador é crucial para minimizar o viés interpretativo e verdadeiramente preencher a lacuna geracional de compreensão. Uma reflexividade sustentada por parte do pesquisador é fundamental para garantir que as vozes das crianças não sejam apenas audíveis, mas genuinamente compreendidas em sua complexidade.

As pesquisas que envolvem crianças e jovens frequentemente empregam mais de dois procedimentos metodológicos para coletar os dados empíricos, com um consenso de que é necessário lidar com múltiplas abordagens para compreender o fenômeno estudado (Filho; Barbosa, 2010). Essa abordagem multi-modal é crucial para capturar as diversas formas de expressão das crianças, que podem ir além da linguagem verbal.

As chamadas metodologias participativas são fundamentais na pesquisa com crianças. Greig, Taylor e MacKay (2012) argumentam que o envolvimento direto das crianças no processo investigativo requer métodos que respeitem sua linguagem, seus modos de expressão e seu ritmo. Assim, jogos, desenhos, dramatizações, registros fotográficos, vídeos e observação participante tornam-se ferramentas eficazes.

2.4.1 A fotografia como método de pesquisa

A utilização da fotografia como método de pesquisa com crianças tem ganhado destaque por sua capacidade de capturar perspectivas infantis de maneira direta e significativa (Silva, 2016). Wendy Luttrell, em sua obra *Children Framing Childhood* (2020), destaca que a fotografia permite às crianças expressar aspectos de suas vidas que muitas vezes são difíceis de verbalizar, oferecendo um acesso privilegiado aos seus mundos sociais e emocionais.

Luttrell enfatiza que a escolha da fotografia se justifica pela mobilidade e portabilidade das câmeras, que possibilitam às crianças registrar seus espaços cotidianos, tanto geográficos quanto afetivos, de forma autônoma. Essa autonomia na produção das imagens promove uma participação ativa das crianças na pesquisa, valorizando seu protagonismo e suas narrativas visuais, como ilustra a Figura 2.

Figura 2- Imagem retirada do livro "*Children Framing Childhood*"



Fonte: Luttrell (2020)

Além disso, a fotografia atua como uma ferramenta que transcende as limitações da linguagem verbal, permitindo que as crianças expressem o que é visível, mas nem sempre facilmente dito. As imagens produzidas tornam-se, assim, instrumentos poderosos para revelar experiências, sentimentos e relações sociais que compõem suas realidades, especialmente em contextos de vulnerabilidade

social (Luttrell, 2020).

Ademais, a atividade de fotografar pode ser prazerosa e envolvente, tornando a pesquisa mais dinâmica e atraente para as crianças. Isso contribui para o fortalecimento do vínculo entre pesquisador e participante, reduzindo barreiras e tensões iniciais, e estimulando relatos mais espontâneos e profundos (Ciardella; Galian, 2020)

Entre as técnicas mais utilizadas destacam-se a foto-elicitación e o Photovoice (Marcello; Soares, 2021). Na foto-elicitación, fotografias são usadas como gatilho para entrevistas e discussões, ajudando as crianças a refletirem e compartilharem suas visões. Já o Photovoice envolve as próprias crianças na produção das imagens, que posteriormente são analisadas coletivamente, valorizando seu protagonismo e a construção compartilhada do conhecimento.

A abordagem da fotografia como método de pesquisa dialoga com as metodologias participativas e lúdicas, que valorizam a criatividade e o protagonismo infantil, além de se alinhar à perspectiva ética que prioriza o respeito à autonomia e ao contexto sociocultural das crianças. Assim, a combinação de diferentes técnicas, incluindo a fotografia, permite uma escuta ampliada e sensível, contribuindo para a construção de pesquisas mais ricas, inclusivas e representativas da complexidade da infância (Evangelista *et al.*, 2023).

2.5 Desafios éticos

Realizar pesquisas com crianças envolve uma série de desafios éticos específicos, decorrentes da condição singular desses sujeitos enquanto atores sociais em processo de desenvolvimento e da relação de poder assimétrica que se estabelece entre adultos e crianças. Conforme discutido na sociologia da infância, é fundamental reconhecer as crianças como sujeitos competentes e detentores de direitos, o que implica não apenas pesquisar sobre elas, mas sobretudo pesquisar com elas, garantindo sua participação ativa e respeitando suas vozes e singularidades (Fernandes, 2016).

Um dos principais desafios está na gestão das relações de poder entre pesquisador adulto e criança, que pode influenciar a coleta e a interpretação dos dados, além de afetar a autonomia das crianças no processo investigativo. É necessário que o pesquisador esteja atento para evitar que as hierarquias

protocolares e institucionais invisibilizem as crianças, ou seja, que suas perspectivas sejam desconsideradas ou subestimadas (Fernandes, 2016).

Outro ponto crítico refere-se à proteção física, emocional e social das crianças, assegurando que a pesquisa não cause qualquer tipo de dano ou constrangimento. O consentimento informado deve ser obtido tanto dos responsáveis legais quanto das próprias crianças, de maneira adequada à sua compreensão, garantindo sua participação voluntária e esclarecida (Neves; Franco, 2023). Além disso, o respeito à autoria das crianças na análise, interpretação e produção dos dados é essencial para evitar apropriações indevidas e garantir a ética na produção científica (Fernandes, 2016)

Portanto é fundamental considerar os direitos das crianças e assegurar a sua proteção. Conforme estabelece o artigo 227 da Constituição Federal (Brasil, 1988), é dever da família, da sociedade e do Estado garantir à criança, com prioridade absoluta, direitos essenciais como à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Essa proteção constitucional é reforçada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que regulamenta esses direitos e enfatiza a condição peculiar de desenvolvimento das crianças, exigindo cuidados especiais para sua participação em pesquisas (Brasil, 1990).

Por fim, embora as metodologias participativas sejam recomendadas para promover a coprodução do conhecimento com as crianças, é importante destacar que a adoção dessas abordagens não garante automaticamente a neutralidade ou a ética da pesquisa. O compromisso ético exige reflexão constante sobre as práticas adotadas, a sensibilidade para as dinâmicas de poder e a responsabilidade em garantir que a pesquisa contribua para o reconhecimento e empoderamento das crianças como sujeitos de direitos (Carvalho; Santos; Tebaldi, 2023).

2.5.1 Consentimento livre e esclarecido

O consentimento livre e esclarecido é um princípio ético fundamental em pesquisas que envolvem crianças, garantindo que a participação seja voluntária, informada e respeitosa à autonomia dos sujeitos e seus responsáveis. Conforme estabelecem as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016) nº 466/2012 e nº 510/2016, é obrigatória a obtenção do termo de assentimento livre e

esclarecido para pesquisas com crianças, que deve conter informações claras e acessíveis sobre os objetivos, procedimentos, riscos, benefícios e direitos dos participantes.

Por se tratar de um grupo vulnerável, cuja capacidade de decisão está em desenvolvimento, o consentimento deve ser obtido tanto dos responsáveis legais — chamado de consentimento por procuração — quanto da própria criança, por meio do termo de assentimento, adaptado à sua faixa etária e nível de compreensão (Fialho; Dias; Rego, 2022). Para dar o seu consentimento livre e esclarecido, a criança precisa receber informações relevantes, que a permitam compreender as consequências de sua participação na pesquisa (Greig; Taylor; Mackay, 2012).

Além disso, o consentimento livre e esclarecido deve assegurar que a criança e sua família compreendam que a participação é voluntária e que podem desistir a qualquer momento, sem prejuízos ou penalidades. O respeito à recusa da criança é um aspecto ético essencial, mesmo quando o consentimento dos responsáveis for concedido, reforçando o reconhecimento da criança como sujeito de direitos e agente moral em processo de desenvolvimento (Fialho; Dias; Rego, 2022).

2.5.2 Relacionamento entre pesquisador e participante

Conforme destacado em *Doing Research with Children* (Greig; Taylor; Mackay, 2012), o relacionamento entre pesquisador e criança participante deve ser pautado por uma postura ética que reconheça as crianças como sujeitos ativos e parceiros no processo de pesquisa, e não meros objetos de estudo. Essa relação exige sensibilidade para lidar com as assimetrias de poder inerentes à condição adulta, promovendo uma interação baseada na confiança, no respeito e na comunicação adaptada às especificidades infantis. Os autores ressaltam que é fundamental estabelecer um ambiente acolhedor, onde as crianças se sintam seguras para expressar suas opiniões, sentimentos e resistências, seja por meio da fala, do silêncio ou de outras formas de expressão não verbal. Além disso, o pesquisador deve estar atento para que a participação infantil seja genuína, evitando imposições e valorizando a autonomia das crianças em todas as etapas da investigação. Essa relação dialógica contribui não apenas para a qualidade dos dados coletados, mas também para o fortalecimento do protagonismo infantil, promovendo uma pesquisa mais ética, inclusiva e representativa das experiências

reais das crianças.

Portanto, o relacionamento entre pesquisador e participante infantil é um processo dinâmico e complexo, que requer do adulto uma postura ética reflexiva, flexível e comprometida com a valorização da infância enquanto campo legítimo de conhecimento e expressão. Essa relação é fundamental para garantir que a pesquisa seja não apenas rigorosa em termos metodológicos, mas também respeitosa e inclusiva, promovendo a participação real e significativa das crianças.

3 MÉTODO

O presente estudo adotou uma abordagem predominantemente qualitativa, alinhando-se à compreensão de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, e que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais no processo de pesquisa. Conforme as características de estudos qualitativos, este trabalho foca na análise de textos por meio de interpretação (processo indutivo), na realização de entrevistas em profundidade e na consideração da subjetividade, buscando desenvolver a teoria a partir de narrativas ricas e interpretações individuais. O pesquisador participa ativamente do processo, descrevendo os significados atribuídos pelos participantes.

Este trabalho utilizou a pesquisa-ação como abordagem de pesquisa, por permitir a participação ativa e reflexiva do pesquisador e dos sujeitos envolvidos no processo investigativo, promovendo transformações a partir da interação entre teoria e prática (Thiollent, 2009). Essa abordagem possibilitou o desenvolvimento das atividades junto às crianças da periferia, estimulando um ciclo contínuo de planejamento, ação, observação e reflexão, que conduziu à produção de conhecimentos relevantes para a compreensão do olhar infantil sobre seu território.

Como método de design, adotou-se a metodologia projetual de Bruno Munari, conforme descrita em sua obra *Das Coisas Nascem Coisas* (2017). Essa abordagem, que se estrutura em etapas claras e lógicas, permite a solução de problemas de design de forma sistemática e criativa. O método de Munari, ao focar na análise do problema, na coleta de dados e na experimentação, possibilita a construção de soluções visuais que representem as percepções das crianças sobre a periferia, valorizando suas vozes e experiências durante o processo de criação. As etapas do método de Munari foram aplicadas no presente estudo iniciando-se pela Problematização, que envolveu a identificação da invisibilidade das infâncias periféricas de Florianópolis e a necessidade de valorizar suas expressões visuais. Seguiu-se com a Definição do Problema, com a compreensão aprofundada de como a fotografia e o design podem atuar como ferramentas de expressão e visibilidade para essas crianças. A etapa de Componentes do Problema consistiu na análise dos elementos envolvidos, como as crianças (sujeitos da pesquisa), as câmeras (ferramenta de registro), o território (contexto) e o material gráfico (produto final). A Coleta de Dados foi realizada por meio de duas rodadas de registros fotográficos

pelas crianças (livre e com tarefas específicas) e do grupo focal para coletar suas percepções e significados. Posteriormente, na etapa de Análise de Dados, baseou-se na técnica de análise de conteúdo para interpretar as fotografias e as transcrições das entrevistas, buscando padrões e *insights* sobre o olhar infantil. A etapa de Experimentação envolveu testes e prototipagem de diferentes abordagens de design para o material gráfico, buscando a melhor forma de representar as narrativas visuais das crianças. A criação de Modelos e layouts para o material gráfico considerou a sensibilidade e a coerência estética. A etapa de Verificação consistiu na avaliação contínua do material gráfico em desenvolvimento, garantindo que ele refletisse autenticamente as vozes e experiências das crianças. A etapa de Construção, por sua vez, culminou na produção final do material visual (livro), com as imagens e reflexões coletadas. Por fim, a Solução Final consistiu na apresentação do material gráfico como um produto que promovesse a visibilidade social e a valorização das infâncias periféricas, com fotografias tiradas pelas próprias crianças e pela pesquisadora.

3.1 Registros fotográficos e grupo focal

3.1.1 Submissão ao comitê de ética

Antes de iniciar a coleta de dados, por conta da situação de vulnerabilidade dos potenciais participantes da pesquisa e para garantir a sua segurança, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal de Santa Catarina para apreciação das questões éticas envolvidas. Após a anuência do responsável pela instituição proponente, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil, estando em estrita conformidade com a Resolução CNS nº 466/12, que normatiza pesquisas envolvendo seres humanos, e demais regulamentações vigentes. O parecer consubstanciado com a aprovação pelo comitê de ética foi incluído no Apêndice A.

3.1.2 População e amostra

No contexto desta pesquisa, a população de interesse abrangeu o conjunto completo de crianças que residem em contextos periféricos de Florianópolis, com características socioeconômicas e culturais semelhantes às da comunidade

estudada. No entanto, para a realização da pesquisa, foi utilizada uma amostra, que representa um subconjunto dessa população.

O estudo foi desenvolvido com cinco crianças de 7 a 9 anos da periferia de Florianópolis, especificamente da comunidade de Mont Serrat. A pesquisadora, atuando como estagiária de comunicação e marketing na escola onde as crianças estudam (Marista Escola Social Lúcia Mayvorne), já possuía familiaridade com o ambiente e com os alunos. A seleção das crianças foi realizada por sorteio. A turma correspondente à faixa etária da pesquisa possuía aproximadamente 25 crianças, e todas foram convidadas a participar. Dessas, cinco foram sorteadas para integrar o estudo. A limitação do número de participantes justificou-se pela disponibilidade de equipamentos para a realização das atividades. No caso de desistência de alguma criança, estabeleceu-se que uma nova criança seria sorteada para substituí-la, garantindo o número previsto de participantes.

Para serem incluídas na pesquisa, as crianças tiveram que atender aos seguintes critérios:

- Ter idade entre 7 e 9 anos.
- Residir na comunidade de Monte Serrat, Florianópolis.
- Ter o consentimento formal dos pais ou responsáveis legais para participar do estudo.
- Manifestaram assentimento contínuo para a participação, compreendendo que podem desistir a qualquer momento.

Foram excluídas da pesquisa as crianças que, mesmo após terem sido incluídas inicialmente:

- Não demonstraram interesse ou engajamento nas atividades propostas durante o desenvolvimento do estudo.
- Não compareceram às etapas de entrevistas ou de registro fotográfico sem justificativa prévia.
- Expressaram, a qualquer momento, o desejo de não mais participar da pesquisa, independentemente do motivo.
- Apresentaram qualquer condição que, a critério da pesquisadora, possa comprometer sua segurança ou bem-estar durante a participação no estudo.

3.1.3 Consentimento e assentimento

Em primeiro lugar, a proposta foi apresentada às crianças e aos pais em uma conversa presencial, onde foi obtido o consentimento dos pais para a participação das crianças e o assentimento das crianças. Durante esse encontro, foram explicados os objetivos do estudo, os procedimentos envolvidos, os potenciais benefícios e riscos, a garantia de anonimato e confidencialidade, e o direito de desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. É importante ressaltar que o assentimento foi verificado no decorrer de toda a pesquisa e não apenas antes da coleta de dados, sendo que as crianças puderam desistir de participar a qualquer momento. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais foi incluído no Apêndice B, enquanto que o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido apresentado às crianças foi incorporado ao Apêndice C.

3.1.4 Registros fotográficos

As crianças receberam câmeras digitais para realizarem seus próprios registros fotográficos. Durante um período de uma semana, elas levaram as câmeras para casa, onde puderam tirar fotografias do que quisessem livremente e no contexto de suas vidas cotidianas, sem interferência direta da pesquisadora e com o acompanhamento dos responsáveis. As crianças foram orientadas sobre o manuseio básico das câmeras e sobre a importância de fotografar o que considerassem relevante em seu dia a dia.

Em seguida, repetiu-se o processo de registro, porém com a inclusão de três tarefas específicas: “fotografe seu objeto favorito”, “fotografe seu lugar favorito” e “fotografe o lugar onde você encontra calma”, visando direcionar o olhar fotográfico das crianças para temas específicos e estimular a reflexão sobre aspectos particulares de seu cotidiano e território. Essa etapa teve um tempo reduzido, de dois dias, para a sua realização.

3.1.5 Grupo focal

Ao término do período de registro fotográfico, foi realizado um grupo focal com as crianças participantes, para discutir as percepções e significados atribuídos

às fotografias produzidas por elas. Inicialmente, previu-se a realização de entrevistas individuais, porém essa estratégia teve que ser revista por conta das limitações de tempo da pesquisa e de disponibilidade dos participantes. O roteiro de perguntas, incluído no Apêndice D, foi elaborado para estimular a reflexão e a verbalização das experiências visuais das crianças, garantindo uma coleta de dados rica e qualitativa. A conversa foi gravada no formato de áudio, mediante autorização prévia dos pais/responsáveis e assentimento da criança, para posterior transcrição e análise. Esse momento foi crucial para aprofundar a compreensão do olhar infantil e para que as crianças verbalizem suas experiências visuais.

O grupo focal e todas as reuniões necessárias para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas na própria escola, fora do horário de aula, mediante autorização prévia e com o acompanhamento síncrono de pelo menos um responsável legal durante todo o processo.

3.1.6 Confidencialidade

Todos os dados coletados (fotografias digitais, gravações de áudio e transcrições do grupo focal) serão armazenados de forma segura e confidencial por um período mínimo de 5 anos após o término da pesquisa, conforme as resoluções brasileiras que normatizam a pesquisa envolvendo seres humanos. Após esse período, os dados serão descartados de maneira segura, garantindo a privacidade dos participantes.

Não foi propósito da pesquisa fotografar pessoas (sejam elas crianças ou adultos). O objetivo principal do uso da imagem foi capturar o olhar das crianças sobre seu território e não a identificação de indivíduos. No caso das fotografias em que pessoas apareceram, essas imagens não foram utilizadas no material final ou foram editadas para garantir que esses indivíduos não pudessem ser reconhecidos, preservando o seu anonimato. Para assegurar ainda mais o anonimato, as crianças participantes tiveram seus nomes substituídos pelos pseudônimos: Leo, Dom, Iris, Luna e Sol, que foram escolhidos por elas mesmas para o material da pesquisa.

3.1.7 Riscos

De acordo com a legislação vigente, toda pesquisa envolve risco, mesmo que mínimo, e a análise de risco é um componente imprescindível à análise ética.

Conforme a Resolução CNS nº 466/12, em seu inciso II-22, que define risco da pesquisa como a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela recorrente, destacam-se os riscos e as medidas de precaução/prevenção para minimização destes decorrentes da participação nesta pesquisa.

Os riscos potenciais associados à participação neste estudo e as medidas de minimização adotadas foram:

- Possibilidade de constrangimento ou desconforto: As crianças poderiam sentir-se constrangidas ou desconfortáveis ao discutir suas percepções. Para minimizar este risco, os indivíduos receberam esclarecimento prévio sobre a pesquisa através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais/responsáveis e do Termo de Assentimento para as crianças (TALE). Foi garantida a privacidade durante as atividades e a participação foi voluntária, podendo a criança desistir a qualquer momento.
- Quebra de sigilo: Existe o risco de que as informações e imagens coletadas possam, de alguma forma, identificar os participantes. Para mitigar este risco, todas as respostas e fotografias serão tratadas com estrita confidencialidade e serão resguardadas pelo sigilo dos pesquisadores durante a pesquisa e na divulgação dos resultados, assegurando o anonimato dos participantes.
- Cansaço ao realizar as atividades: As atividades de registro fotográfico e as entrevistas poderiam ser extensas e gerar cansaço nas crianças. Para isso, foram realizadas pausas durante as conversas e atividades, caso a criança apresentasse sinais de cansaço ou desinteresse, respeitando seu ritmo e bem-estar.

Conforme as resoluções vigentes, todas as despesas decorrentes da pesquisa, inclusive, quando necessário, o atendimento ao participante, foram de responsabilidade da pesquisadora.

3.1.8 Benefícios

Conforme a Resolução CNS 466/12, que define benefício da pesquisa como “proveito direto ou indireto, imediato ou posterior, auferido pelo participante e/ou sua comunidade em decorrência de sua participação na pesquisa”, e a Resolução CNS

510/16, que amplia essa compreensão para “contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade”, o presente estudo visou proporcionar uma série de benefícios diretos e indiretos aos participantes e à comunidade.

Benefícios diretos para os participantes:

- Expressão e protagonismo: as crianças tiveram a oportunidade de expressar suas percepções e vivências sobre o território em que vivem por meio da fotografia, assumindo um papel ativo e protagonista na construção do conhecimento. Isso teve o potencial de contribuir para o desenvolvimento de sua autonomia e criatividade.
- Valorização da voz infantil: a metodologia da pesquisa-ação e do design garantiram que as vozes e experiências das crianças fossem valorizadas e incorporadas de modo autêntico ao material final, promovendo o reconhecimento de suas perspectivas únicas.
- Desenvolvimento de habilidades: a participação no projeto estimulou o desenvolvimento de habilidades de observação, reflexão crítica e expressão visual nas crianças.

Benefícios indiretos para os participantes e a comunidade:

- Visibilidade social e valorização: o material visual resultante da pesquisa tem o potencial para dar visibilidade às infâncias periféricas de Florianópolis, promovendo a valorização de suas experiências e contribuindo para desconstruir narrativas estigmatizadas sobre a periferia.
- Reflexão crítica: a pesquisa estimulou uma reflexão crítica sobre a realidade da periferia, tanto para os participantes quanto para a comunidade em geral, ao apresentar um olhar sensível e autêntico sobre o cotidiano desses espaços.
- Contribuição para o conhecimento: o estudo contribui para o campo acadêmico ao aprofundar o conhecimento sobre a infância em contextos periféricos e ao explorar metodologias visuais, como a fotografia e o design editorial, que dão voz a grupos historicamente silenciados.
- Instrumento para diálogo: o material gráfico pode servir como um instrumento para educadores, pesquisadores e a comunidade dialogarem sobre temas como infância, território e diversidade cultural, fomentando a inclusão social e o reconhecimento das diferentes formas de olhar o mundo.

3.1.9 Análise de dados

Os dados coletados, compreendendo as fotografias produzidas pelas crianças e as transcrições das entrevistas individuais, foram processados e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Essa abordagem permitiu a identificação de temas, categorias e padrões emergentes nas narrativas visuais e verbais das crianças, possibilitando uma compreensão aprofundada de suas percepções sobre o território periférico.

As etapas da análise de conteúdo incluíram:

1. Pré-análise: Leitura flutuante do material, constituição do corpus e formulação de hipóteses e objetivos.
2. Exploração do material: codificação das fotografias e das transcrições das entrevistas, categorização dos dados e identificação de unidades de registro e contexto.
3. Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: análise crítica dos dados categorizados, buscando relações, inferências e a construção de significados que respondessem aos objetivos da pesquisa. As fotografias foram analisadas tanto em seu aspecto denotativo (o que é visível) quanto conotativo (os significados implícitos e simbólicos).

O processo de análise foi iterativo e reflexivo, em consonância com a metodologia da pesquisa-ação, permitindo que novas compreensões surgissem ao longo do estudo.

4 DESENVOLVIMENTO DO FOTOLIVRO A CIDADE COMO A GENTE VÊ

Este capítulo documenta o desenvolvimento do produto final desta pesquisa-ação: o fotolivro *A cidade como a gente vê*. Para tanto, detalha o processo de design editorial, desde a concepção da estrutura e do projeto gráfico até a materialização do conteúdo visual e textual. O objetivo é apresentar o fotolivro não apenas como um produto estético, mas como a ferramenta de escuta social que consolida as narrativas visuais das crianças da comunidade do Monte Serrat, em Florianópolis.

4.1 Definição do problema

A primeira etapa do método de design de Munari (2017) consiste na definição clara do problema a ser solucionado. No contexto desta pesquisa-ação, o problema central residiu na invisibilidade e no silenciamento das infâncias periféricas de Florianópolis nas narrativas hegemônicas da cidade.

A capital catarinense é frequentemente retratada por uma imagem turística e idealizada, que negligencia a complexidade e os desafios dos seus territórios periféricos, como a comunidade do Monte Serrat. Essa invisibilidade não é apenas uma ausência de representação, mas uma forma de exclusão social que impede o reconhecimento da criança periférica como um sujeito ativo e produtor de cultura (Santos, 2008).

O problema de design, portanto, foi definido como: Como o Design Editorial pode atuar como ferramenta de escuta e amplificação das narrativas visuais de crianças da periferia, transformando a invisibilidade em visibilidade e a exclusão em pertencimento?

Para a coleta dos dados do problema, foi essencial a compreensão do contexto. A comunidade do Monte Serrat, com sua história de resistência e ocupação por populações negras e de baixa renda, representa um microcosmo dessa invisibilidade. Os dados preliminares indicaram que as crianças, embora vivendo em um ambiente de intensa produção cultural, não possuíam um canal formal ou estético para expressar sua visão de mundo, ficando à margem das representações oficiais da cidade.

A solução proposta, o fotolivro *A cidade como a gente vê*, surgiu como uma

resposta direta a esse problema, utilizando o design como mediador entre a voz silenciada e o público leitor.

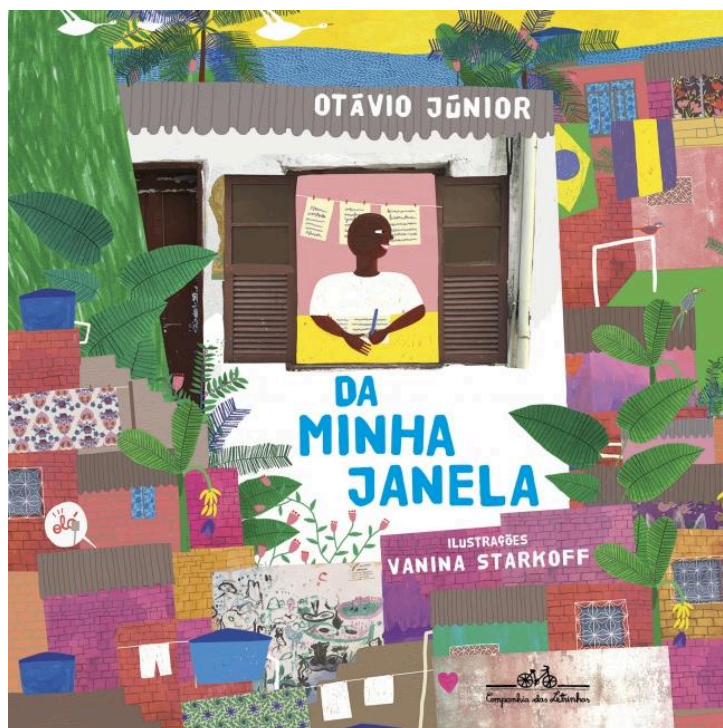
4.2 Coleta de dados

A etapa de coleta de dados, crucial para a materialização do fotolivro, foi conduzida sob a ótica da pesquisa-ação, garantindo a participação ativa das crianças como coautoras do processo. Como explicado anteriormente, essa fase foi dividida em três momentos distintos, conforme detalhado a seguir.

O processo iniciou-se com uma roda de conversa em uma escola da comunidade, envolvendo uma turma de 25 crianças do 2º ano do Ensino Fundamental. O objetivo principal desta abordagem foi apresentar o projeto de forma lúdica e estabelecer um ambiente de confiança e engajamento.

Para criar uma ponte entre o tema da comunidade e a perspectiva individual, foi realizada a leitura do livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior (2020), obra em que um menino narra aquilo que vê da janela de sua casa em uma favela do Rio de Janeiro, revelando o cotidiano, os afetos e as contradições do território onde vive. A narrativa apresenta a comunidade a partir do olhar de uma criança moradora da periferia, aproximando o tema do projeto da realidade das crianças do Monte Serrat e introduzindo, de forma lúdica, a ideia de ponto de vista. Como ilustra a Figura 3, a imagem da capa do livro é apresentada como referência visual dessa sensibilização inicial, reforçando o vínculo entre leitura, conversa e produção fotográfica. A obra serviu como ferramenta de sensibilização, introduzindo o conceito de ponto de vista e de como a perspectiva individual molda a percepção da realidade, alinhando-se à proposta de Munari (1998) de iniciar o processo de design pela análise do problema.

Figura 3- Capa do livro “Da minha Janela”



Fonte: Otávio Júnior, 2019

Após a discussão, todas as crianças tiveram a oportunidade de manusear as câmeras e realizar alguns cliques com os colegas. Esse contato inicial foi fundamental para desmistificar o equipamento e permitir que mesmo aqueles que não fossem selecionados tivessem uma experiência prática.

A seleção dos participantes foi realizada por sorteio aleatório entre as 25 crianças, visando garantir a imparcialidade e a representatividade. Foram sorteadas cinco crianças, cujos pais ou responsáveis foram imediatamente notificados e convidados para uma reunião com a pesquisadora. A etapa de comunicação com os responsáveis foi conduzida antes da notificação às crianças, com o objetivo ético de evitar qualquer frustração ou quebra de expectativa.

Devido à não-comparência dos responsáveis de uma das crianças sorteadas, foi necessário realizar um novo sorteio para substituição, garantindo o número de cinco participantes. Somente após a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos pais, as crianças foram chamadas individualmente. Nesta conversa, a pesquisadora confirmou o interesse da criança em participar, explicou detalhadamente o projeto e, após a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), entregou a câmera para o início da produção visual.

Após a etapa de sensibilização e a obtenção dos termos de consentimento, iniciou-se a fase de produção visual, que constitui a coleta de dados primários desta pesquisa-ação. Cada uma das cinco crianças selecionadas recebeu uma câmera digital, como ilustra a Figura 4, e ficou responsável por ela durante o período de uma semana. O principal direcionamento dado foi a liberdade para fotografar o que considerassem importante, bonito ou interessante em seu cotidiano e na comunidade. A pesquisadora optou por uma abordagem não-diretiva, permitindo que o olhar autêntico e a subjetividade da criança se manifestassem plenamente, alinhando-se ao princípio da agência infantil.

Figura 4 - Modelos de câmeras digitais utilizadas na pesquisa



Fonte: Autora (2025)

Durante o período de coleta, a pesquisadora manteve uma comunicação aberta com os responsáveis, o que se mostrou crucial para a gestão de imprevistos. Em dois momentos distintos, houve a necessidade de substituição do equipamento: uma das câmeras foi acidentalmente danificada por uma das crianças e outra apresentou inchaço na bateria. Em ambos os casos, as famílias entraram em contato com a pesquisadora, e as câmeras foram prontamente substituídas. É importante ressaltar que a substituição ocorreu sem estresse ou prejuízo à pesquisa, pois a possibilidade de danos e a política de reposição já haviam sido acordadas previamente com os pais e comunicadas às crianças, reforçando o compromisso

ético e a transparência do projeto.

Ao final da semana, as câmeras foram recolhidas e as imagens catalogadas. A etapa seguinte, de análise do conteúdo, foi realizada por meio de um grupo focal com as cinco crianças. Esta abordagem se mostrou igualmente eficaz, pois permitiu que as crianças, ao verem as fotos umas das outras, estabelecessem um diálogo e atribuíssem significado às suas escolhas em um contexto de troca e validação mútua. Foi nesse momento de análise colaborativa que os temas centrais do fotolivro emergiram, servindo como base para a estruturação dos capítulos e para a redação dos textos de análise que acompanham as imagens.

4.3 Análise de dados

A etapa de análise dos resultados foi conduzida a partir do material produzido ao longo da pesquisa-ação: as fotografias realizadas pelas cinco crianças participantes e as falas registradas no decorrer do grupo focal. Mais do que uma etapa técnica, a análise configurou-se como um momento de escuta aprofundada, no qual as crianças puderam interpretar suas próprias imagens, atribuindo significados, títulos e afetos às cenas registradas. Essa escuta dialoga diretamente com a perspectiva da Nova Sociologia da Infância, que compreende a criança como sujeito social competente, capaz de produzir interpretações sobre o mundo em que vive.

O grupo focal utilizou o mesmo roteiro previamente planejado para as entrevistas individuais, garantindo a profundidade da investigação mesmo em um contexto coletivo. A opção por reunir as crianças em um mesmo espaço de conversa, ainda que motivada por limitações de tempo, revelou-se metodologicamente potente: ao verem as fotografias umas das outras, as crianças ativaram lembranças, comparações e leituras cruzadas, produzindo significados que dificilmente emergiriam em uma entrevista isolada. Esse caráter dialógico aproxima-se das metodologias participativas com crianças, que defendem a combinação de múltiplos instrumentos – imagens, fala, escuta, brincadeira – como forma de captar a complexidade de suas experiências.

4.3.1 Dinâmica do grupo focal e procedimentos de análise

A sessão de grupo focal foi realizada em uma sala reservada na escola da

comunidade, com as cinco crianças, a pesquisadora e a presença de um responsável, que acompanhou o encontro sem interferir diretamente nas falas. As fotografias foram projetadas em tela, em sequência, de forma que cada criança pudesse reconhecer suas imagens e, ao mesmo tempo, ver o trabalho dos colegas. Para cada fotografia, a pesquisadora retomou questões centrais do roteiro, como “o que você queria mostrar quando fez essa foto?”, “se essa foto tivesse um nome, qual seria?” e “o que essa imagem faz você sentir?”.

Toda a sessão foi gravada em áudio e posteriormente transcrita na íntegra, compondo, junto às imagens, o corpus de análise. A partir desse material, foi aplicada a técnica de análise de conteúdo, conforme descrita no capítulo de método: primeiramente, realizou-se uma pré-análise, com leitura flutuante das falas e observação livre das fotografias; em seguida, passaram-se à codificação e categorização, identificando unidades de registro recorrentes nas falas das crianças (palavras, expressões, emoções) e nas imagens (motivos visuais, enquadramentos, recorrência de temas). Por fim, os resultados foram interpretados em diálogo com a fundamentação teórica sobre infância, periferia, fotografia e design editorial.

Esse processo gerou um conjunto de eixos temáticos que atravessam tanto as imagens quanto os relatos verbais: resiliência, denúncia, afeto e relação com o território (incluindo natureza e espaço construído). Esses eixos foram fundamentais para orientar a curadoria das imagens e a organização do fotolivro, funcionando como ponte entre o conteúdo bruto da pesquisa-ação e as decisões de design editorial detalhadas nas seções seguintes.

4.3.2 Eixos temáticos emergentes: resiliência, denúncia, afeto e território

O primeiro eixo identificado foi o da resiliência, presente em fotografias que retratavam cenas de brincadeira, invenção e alegria em meio a contextos de precariedade material. Muitas imagens mostravam escadarias, becos, quadras improvisadas e vistas altas do morro ocupadas por crianças correndo, rindo ou simplesmente “olhando a cidade de cima”. Em suas falas, as crianças frequentemente associavam essas cenas a sentimentos de força, coragem e orgulho do lugar onde vivem, o que se alinha a autores que compreendem a infância periférica não apenas pela lente da vulnerabilidade, mas também pela potência criativa e política de seus cotidianos.

O segundo eixo, da denúncia, aparece sobretudo nas fotografias que evidenciam lixo acumulado, casas em condições precárias, fios expostos, muros pichados com mensagens de protesto ou registros de lugares considerados “perigosos” pelas próprias crianças. Nessas imagens, a câmera se torna um instrumento de crítica, ainda que muitas vezes mediada por uma linguagem simples e direta. Durante o grupo focal, ao comentar essas fotografias, as crianças nomeavam problemas – sujeira, descuido, medo – mas também questionavam por que “ninguém arruma” ou “não aparece na TV”. Essa articulação entre experiência cotidiana e invisibilidade midiática dialoga com a problemática apresentada na introdução da pesquisa, sobre a ausência das periferias nas narrativas hegemônicas da cidade.

O eixo do afeto revelou-se central para compreender a periferia como território de vínculos e não apenas de carências. Diversas fotografias registravam animais de estimação, brinquedos improvisados, objetos favoritos e lugares associados à calma e ao cuidado, como o quarto, a casa da avó ou um banco específico com vista para o mar. Nas falas, as crianças nomeavam esses lugares como “meu cantinho”, “meu lugar de paz” ou “onde eu gosto de pensar”. Esse conjunto de imagens e narrativas reforça a ideia de que a infância periférica é atravessada por redes de afeto que sustentam a experiência de pertencimento, mesmo em contextos de exclusão territorial.

Por fim, o eixo do território e da relação com o espaço urbano atravessou todo o material produzido. As crianças fotografaram morros, ruas, escadas, muros, árvores, postes, o céu e a vista da cidade “lá embaixo”. Em muitos casos, o enquadramento privilegiou a altura do morro, reforçando a sensação de “olhar de cima” para a cidade formal. Essa perspectiva ressoa com discussões sobre o direito das crianças à cidade e à representação simbólica, evidenciando que, ao construir imagens do seu território, elas também constroem uma cartografia afetiva e política de Florianópolis.

4.3.3 Convergências, contrastes e autoria infantil

A análise das fotografias e falas evidenciou tanto convergências quanto contrastes entre os olhares das cinco crianças. Algumas compartilhavam referências semelhantes – como a valorização da vista do morro ou de determinados pontos de

encontro –, enquanto outras dirigiam a câmera quase exclusivamente para detalhes do interior da casa, para objetos pessoais ou para cenas de rua marcadas por conflitos e ausência de infraestrutura. Essas diferenças não foram tratadas como inconsistências, mas como expressão da diversidade interna da própria comunidade, reforçando a compreensão da periferia como um território de múltiplas narrativas.

O grupo focal também permitiu observar momentos em que uma mesma imagem provocou leituras distintas entre as crianças. Uma fotografia de uma escadaria, por exemplo, foi associada por uma delas ao cansaço e ao perigo de “cair e se machucar”, enquanto outra a reconheceu como cenário de brincadeiras e corridas. Esses contrastes reforçam a necessidade de um design editorial que não feche o sentido das imagens em uma única interpretação, mas preserve sua abertura e ambiguidade, permitindo que o leitor também participe desse jogo de significados.

A autoria infantil se manifestou de forma particularmente contundente no momento em que as crianças começaram a nomear suas fotografias. Muitos títulos propostos por elas condensaram em poucas palavras aquilo que teóricos da infância e da cidade discutem em análises extensas: frases que articulavam proximidade com o céu, orgulho do morro, medo de determinados lugares ou amor por pequenos objetos cotidianos. Esses nomes e enunciados foram incorporados à análise e, posteriormente, ao fotolivro, como forma de garantir que a voz das crianças não fosse apenas tema, mas também enunciadora do próprio projeto editorial.

4.3.4 Síntese interpretativa e implicações para o design do fotolivro

A etapa final da análise consistiu na triangulação entre três camadas: as falas das crianças no grupo focal, as características visuais das fotografias e a fundamentação teórica discutida nos capítulos anteriores. Esse cruzamento permitiu consolidar os eixos temáticos e, ao mesmo tempo, definir o tom editorial do fotolivro *A cidade como a gente vê*. A partir dessa síntese, o livro foi pensado como um manifesto visual que articula resiliência, denúncia, afeto e território em uma narrativa concisa, porém densa, capaz de interpelar tanto leitores da comunidade quanto públicos externos.

Esses eixos orientaram diretamente a organização interna do fotolivro e as decisões de curadoria, detalhadas na seção seguinte. As imagens associadas à

resiliência e ao afeto, por exemplo, foram distribuídas de forma a criar respiros poéticos entre fotografias mais duras, ligadas à denúncia, evitando tanto a estetização da pobreza quanto a construção de uma narrativa puramente negativa sobre o Monte Serrat. Da mesma forma, o eixo do território guiou a construção de um percurso visual que começa com a apresentação da comunidade, transita pelos olhares íntimos das crianças e retorna ao morro como horizonte de futuro e pertencimento.

Ao situar a análise como um elo entre a pesquisa-ação e o projeto gráfico, o que foi aqui exposto evidencia que o fotolivro não é um simples repositório de imagens, mas o resultado de um processo interpretativo cuidadoso, em que as decisões de design editorial respondem diretamente às narrativas visuais e verbais produzidas pelas crianças.

4.4 Experimentação: primeiras iterações de design

A etapa de experimentação constitui um momento fundamental no método de design de Munari (2017), onde as soluções conceituais começam a ganhar forma material e visual. Nesta seção, documenta-se o processo iterativo de desenvolvimento do fotolivro, desde os primeiros rascunhos até a definição das estratégias de *layout*, tipografia e composição que sustentam o produto final. Longe de ser um processo linear, a experimentação foi marcada por testes, refinamentos, rejeições e evolução contínua, demonstrando como as decisões de design emergiram não de uma inspiração súbita, mas de um trabalho sistemático e reflexivo.

4.4.1 Definição dos parâmetros iniciais e *briefing* visual

Antes de qualquer experimentação prática, foi necessário estabelecer um *briefing* claro que traduzisse os *insights* da pesquisa-ação em diretrizes de design. Esse *briefing* serviu como uma bússola conceitual para orientar todas as decisões visuais subsequentes.

Os parâmetros principais estabelecidos foram:

- **Objetivo comunicacional:** o fotolivro deveria funcionar como um manifesto visual que ampliasse a voz das crianças periféricas, transformando invisibilidade em visibilidade. Não era objetivo criar um produto

academicamente hermético, mas sim um artefato que pudesse circular em múltiplos contextos: escolas, comunidades, espaços públicos, bibliotecas.

- Público-alvo identificado: primariamente, as famílias das crianças participantes e a comunidade do Monte Serrat; secundariamente, educadores, pesquisadores, gestores públicos e qualquer pessoa interessada em narrativas periféricas e infância. Essa variedade de públicos exigiu um design que fosse ao mesmo tempo potente para impactar adultos e acessível para não alienar as crianças autoras.
- Restrições orçamentárias e de produção: a pesquisa foi conduzida com recursos limitados, o que demandou escolhas materiais e técnicas viáveis para impressão em pequena escala. Essa restrição, embora inicialmente um desafio, transformou-se numa oportunidade de design, forçando criatividade e eficiência na solução visual.
- Tom editorial desejado: simultaneamente crítico (denunciando a invisibilidade) e esperançoso (celebrando a resiliência e a beleza das crianças). O design teve que traduzir essa dualidade sem cair em vitimização ou romantização da periferia.

4.4.2 Busca de referências e construção de *moodboard*

Antes de avançar para as experimentações práticas de formato e *layout*, foi realizada uma etapa sistemática de busca de referências visuais e construção de um *moodboard*, com o objetivo de traduzir o *briefing* visual em diretrizes mais concretas para o projeto gráfico do fotolivro. Essa fase, comum em processos de design, teve a função de organizar repertórios, explicitar intenções estéticas e garantir coerência entre os objetivos conceituais do trabalho e as escolhas formais que seriam desenvolvidas posteriormente.

A busca de referências concentrou-se em três eixos principais. Em primeiro lugar, foram analisados projetos editoriais e pesquisas que articulam fotografia, infância e contextos sociais, com destaque para a obra *Children Framing Childhood*, de Wendy Luttrell (2020), que explora a produção de imagens por crianças como forma de expressão de suas experiências e perspectivas. Esse tipo de referência permitiu observar como a fotografia infantil pode ser apresentada de maneira ética e

potente em publicações, preservando a autoria das crianças e evitando tanto a estetização da vulnerabilidade quanto a diluição de suas vozes em narrativas adultocentradas.

Em segundo lugar, foram observados fotolivros e projetos gráficos que trabalham com narrativas visuais em torno de territórios urbanos, periferias e experiências coletivas. O foco, nesse caso, foi reconhecer estratégias de diagramação, hierarquia de informação e ritmo de leitura que possibilitam ao leitor percorrer um conjunto de imagens sem perder de vista o fio condutor da narrativa. A análise desses materiais auxiliou na definição de parâmetros como densidade de páginas, equilíbrio entre texto e imagem e uso de espaços em branco como respiro visual.

Por fim, foram consultadas referências de design editorial que discutem o papel do grid, da tipografia e da materialidade em publicações de caráter fotográfico e documental. Estudos de autores como Gruszynski (2015) e Crepaldi (2011) ofereceram subsídios teóricos e práticos para pensar a relação entre estrutura gráfica e legibilidade, bem como o modo como o design pode ampliar ou comprometer a força de um ensaio fotográfico.

A partir desse repertório, foi elaborado um *moodboard* digital reunindo exemplos de composições de página, combinações tipográficas e soluções de capa e miolo que dialogassem com os objetivos do projeto. Esse painel visual funcionou como uma espécie de mapa de referência interno para a pesquisadora, orientando as decisões nas etapas seguintes de experimentação. Mais do que um conjunto de imagens inspiracionais soltas, o *moodboard* organizou visualmente os conceitos que atravessam o fotolivro – infância, periferia, narrativa visual e design socialmente engajado – e ajudou a manter a coerência entre o que se pretendia comunicar e a forma como esse conteúdo seria materializado graficamente.

Figura 5 - Moodboard



Fonte: Autora (2025)

4.4.3 Exploração de formatos e dimensões

A definição do formato do fotolivro foi precedida por uma fase extensiva de experimentação com diferentes dimensões, molduras e proporções. Essa etapa inicial revelou-se crucial, pois o formato não é apenas uma escolha estética, mas um decisor fundamental de como o leitor interage fisicamente com o objeto.

Primeiras alternativas de formato:

- Formato A4 horizontal (29,7 x 21 cm): esta foi a primeira opção testada, considerando ser um formato tradicional e econômico para impressão. Prototipou-se um *mockup* em papel onde as imagens e textos foram dispostos em orientação paisagem. O resultado, embora funcional, revelou problemas conceituais: o formato alongado, típico de documentos administrativos, não criava a sensação de intimidade desejada. Além disso, ao testar com as crianças da comunidade, observou-se que o tamanho final (aproximadamente 50 cm de largura quando aberto em *spreads*) era excessivo para manuseio por mãos pequenas. A horizontalidade do formato também competia visualmente com as fotografias, muitas das quais foram capturadas pelas crianças em orientação vertical ou quadrada, criando dissonância.
- Formato A5 (21 x 14,8 cm): Na tentativa de corrigir o problema de escala,

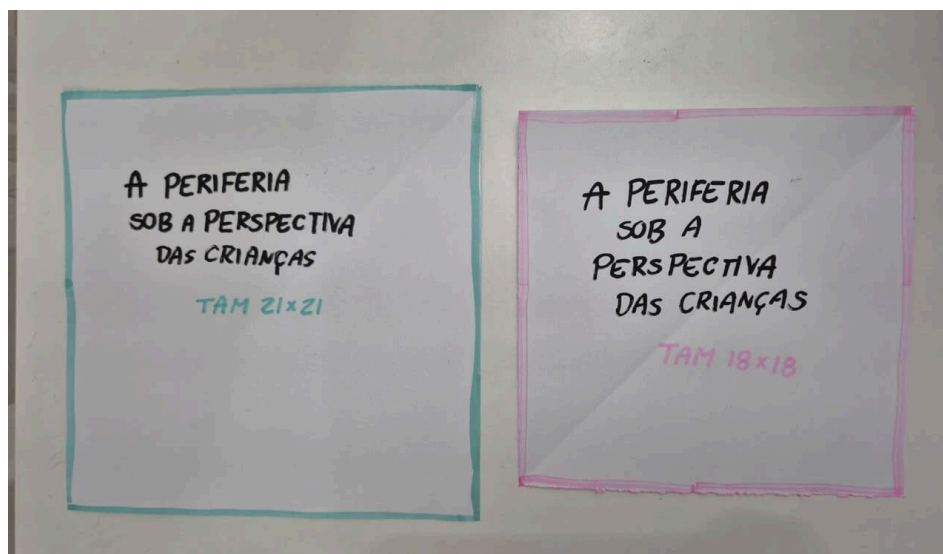
testou-se um formato menor, próximo ao tamanho de um livro de bolso. Esse formato resolveu a questão do manuseio, mas introduziu novo desafio: as fotografias, especialmente aquelas com composição complexa, perdiam impacto e detalhes quando reduzidas a esse tamanho. A análise visual das imagens, elemento central da proposta, ficava prejudicada pela redução. Além disso, o formato retangular vertical (típico de romance) não dialogava com a linguagem visual das crianças, que naturalmente tendem a capturar imagens em enquadramentos mais compactos.

- Formato quadrado 20 x 20 cm: A exploração de formatos quadrados emergiu durante discussões com as crianças participantes. Ao mostrar diferentes *mockups*, as crianças responderam espontaneamente com preferência pelo formato quadrado, descrevendo-o como "mais bonito" e "mais fácil de segurar". A partir dessa percepção, iniciou-se uma fase de experimentação específica com proporções quadradas, testando 18 x 18 cm, 20 x 20 cm e 22 x 22 cm.

Cada uma dessas variações foi impressa em prototipagem rápida, como ilustra a Figura 5, e submetida a testes de manuseio com as crianças. O formato de 21 x 21 cm emergiu como ótimo, oferecendo:

- Escala suficiente para valorizar as fotografias sem exigir manuseio de objeto muito grande;
- Proporção que, quando aberto em *spread*, cria uma composição simétrica e equilibrada (42 x 21 cm);
- Compatibilidade com padrões de papel comercial, reduzindo custos de desperdício em produção;
- Diálogo com formatos de livros de arte e fotolivros contemporâneos, criando familiaridade sem banalidade.

Figura 6- Protótipos rápidos para testes de manuseio



Fonte: Autora (2025)

Essa escolha, embora final e fundamentada, exemplifica como a experimentação iterativa, incluindo validação com o público-alvo, levou a uma decisão mais robusta do que qualquer escolha inicial teria propiciado.

4.4.4 Experimentação com sistemas de *grid*

Com o formato definido, iniciou-se uma fase intensiva de exploração de sistemas de *grid* que pudessem acomodar a diversidade das imagens produzidas pelas crianças, respeitando simultaneamente a coerência visual do conjunto.

O primeiro *grid* testado baseava-se em uma divisão simples de 3 colunas e 3 linhas, totalizando 9 campos idênticos por página. Essa estrutura, frequentemente recomendada em literatura de design pela sua simplicidade e clareza, revelou-se problemática quando aplicada ao conteúdo específico do fotolivro. O problema central: nem todas as fotografias produzidas pelas crianças possuíam a mesma qualidade técnica ou composição adequada para recortes uniformes. Algumas imagens, como as fotografias mais intuitivas e "tremidas" de Íris (uma das crianças participantes), possuíam uma composição que se beneficiava de ocupar espaços maiores, ainda que a qualidade técnica fosse menor. Ao forçar todas as imagens em células de 3x3, perdia-se a nuance e a potência de certas fotografias, enquanto outras pareciam "gigantificadas" desnecessariamente.

Além disso, a rigidez do grid de 3x3 não permitia a variação necessária para

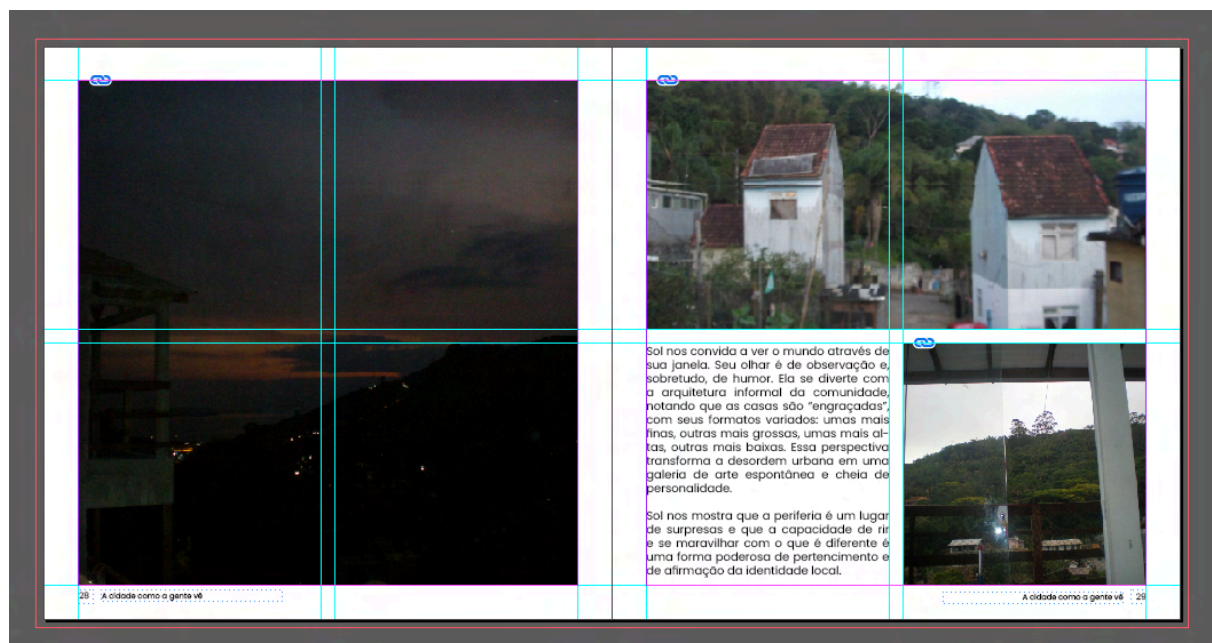
criar hierarquia visual entre imagens de importância conceitual diferente. Todas as fotos recebiam igual peso visual, o que, paradoxalmente, diminuía o impacto da curadoria realizada.

A partir dessa observação, desenvolveu-se uma segunda versão do *grid* baseada no conceito de modularidade flexível, inspirada nos princípios expostos por Timothy Samara em *Grid: construção e desconstrução* (2007). Esse novo sistema utilizava uma base modular de 6 colunas e 6 linhas, permitindo que as células individuais pudessem ser combinadas de múltiplas formas: imagens de 1x1, 2x2, 3x1, 2x3, e até ocupações não-simétricas. Esse *grid* de segunda geração foi testado através de composições digitais, onde todas as imagens curadas foram experimentadas em diferentes escalas e posições dentro da grade. Os resultados foram imediatamente mais promissores: o sistema permitia que imagens tecnicamente frágeis fossem apresentadas em tamanho reduzido (diminuindo a percepção de imperfeição técnica), enquanto imagens composicionalmente ricas e de grande potência simbólica pudessem ocupar espaços maiores, ganhando destaque.

Entretanto, durante testes de impressão de *mockups* com este *grid*, identificou-se um novo desafio: a flexibilidade extrema criava uma sensação visual fragmentada quando o livro era folheado. Cada página parecia viver isoladamente, sem conexão com a anterior, quebrando o fluxo narrativo que o fotolivro deveria estabelecer.

A solução final emergiu de uma síntese entre rigidez e flexibilidade. Desenvolveu-se um *grid* baseado em 2 colunas, com a possibilidade de variação de linhas conforme o conteúdo de cada página, como ilustra a Figura 6.

Figura 7- Exemplo de como o grid foi utilizado



Fonte: Autora (2025)

4.4.5 Exploração tipográfica

A escolha tipográfica não foi uma decisão solitária, mas resultado de uma fase de experimentação sistemática onde diferentes combinações foram testadas, impressas e avaliadas.

Inicialmente, explorou-se a possibilidade de utilizar uma única tipografia para todo o projeto. A fonte Montserrat, uma *sans-serif* geométrica e moderna, foi testada em diferentes pesos (*light*, *regular*, *bold* e *black*). A ideia conceitual era criar máxima simplicidade visual, deixando a potência recair inteiramente sobre as fotografias.

O resultado foi funcionalmente legível, mas visualmente monótono. A ausência de contraste tipográfico não permitia a criação de hierarquia clara entre títulos, subtítulos e corpo de texto. Além disso, a neutralidade da Montserrat, embora elegante, não dialogava com a energia e a criatividade das crianças autoras.

No extremo oposto, testou-se uma combinação de três tipografias (Montserrat, Playfair Display e Indie Flower), buscando criar uma riqueza visual que espelhasse a diversidade das crianças. Porém as três tipografias competiam entre si pelo olhar do leitor, criando confusão em vez de hierarquia. O uso de Indie Flower (uma tipografia manuscrita digital) parecia amador quando aplicado em pequenos

tamanhos, enquanto em tamanhos maiores ocupava espaço excessivo.

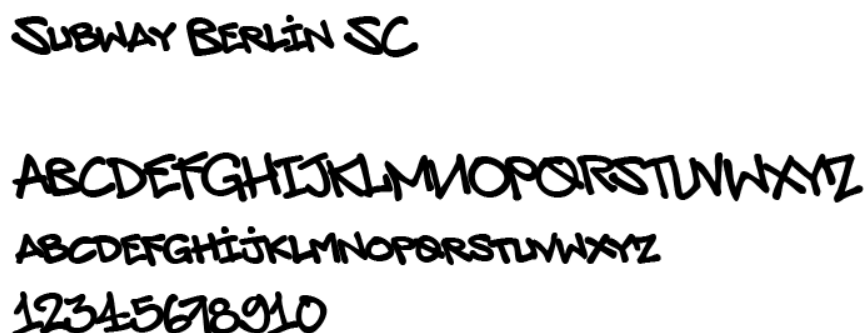
A partir dessas duas explorações extremas, consolidou-se a abordagem de duas tipografias complementares:

Subway Berlin SC (para títulos e destaques): essa fonte tipográfica foi escolhida após teste com aproximadamente 8 fontes display diferentes. Alternativas testadas incluíram:

- Fit: muito geométrica, difícil leitura;
- Playfair Display: muito "fina", elegante demais para a linguagem do projeto;
- Montserrat Bold: muito corporativa;
- Oswald: próximo, mas muito "endurecida".

A Subway Berlin SC Regular se destacou por sua combinação de modernidade com uma qualidade quase-caligráfica que lembrasse o traço manual, como ilustra a Figura 7, dialogando assim com a caligrafia das crianças que seria posteriormente incorporada. Testou-se a Subway em três "subfontes" (*NewYork SC*, *NewYork STD* e *Berlin SC*) para os títulos principais, usando *Berlin SC* para máximo impacto.

Figura 8- Fonte Subway Berlin SC



SUBWAY BERLIN SC

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

12345678910

Fonte: Autora (2025)

A seleção da Poppins para textos corridos passou por avaliação de legibilidade em diferentes tamanhos (10pt, 11pt, 12pt, 13pt). Testes de impressão em papel revelaram que 12pt em papel com acabamento fosco oferecia ótima legibilidade sem ocupar espaço excessivo. A Poppins, por ser uma *sans-serif* geométrica, mas com proporções generosas, como ilustra a Figura 8, mantinha

legibilidade mesmo em tamanhos reduzidos, crucial para a quantidade de texto analítico do fotolivro.

Figura 9- Fonte Poppins

Poppins Regular

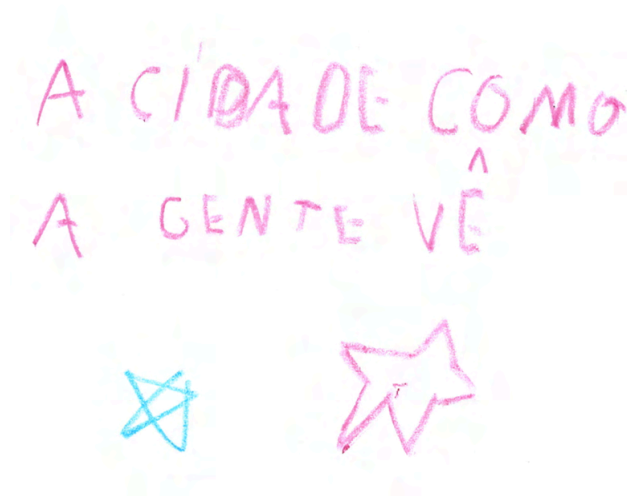
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
12345678910

Fonte: Autora (2025)

Um elemento tipográfico crucial emergiu durante a análise dos dados do grupo focal: as próprias palavras das crianças, verbalizadas durante a discussão, poderiam ser transcritas em suas caligrafias reais e integradas como elemento gráfico.

Para viabilizar isso, algumas das frases-chave mencionadas pelas crianças durante o grupo focal foram reescritas manualmente por elas próprias, utilizando papel branco e caneta preta esferográfica e canetas POSCA coloridas. Essas páginas manuscritas foram fotografadas em alta resolução e digitalizadas, transformando-se em imagens vetoriais, como ilustra a Figura 9.

Figura 10- Frase escrita manualmente por uma das crianças



Fonte: Autora (2025)

4.4.6 Exploração da paleta cromática

A primeira exploração considerou a utilização de todas as cores presentes nas fotografias das crianças, criando uma paleta muito vibrante. Embora visualmente atrativo, a presença de cores no design editorial competia com as cores nas fotografias. As imagens, elemento central, ficavam visualmente "canceladas" pelos acessórios cromáticos do design. Além disso, a impressão de múltiplas cores aumenta significativamente o custo de produção.

A solução final emergiu de uma reinterpretação conceitual do problema. Ao invés de pensar em paleta cromática como um elemento decorativo, passou-se a pensá-la como um elemento retórico.

O preto e branco foram escolhidos precisamente pela sua ausência de cor - uma ausência que se torna presença conceitual quando considerada no contexto da invisibilidade periférica. A ausência de cor no design, contrastando com a riqueza cromática das fotografias, reforça narrativamente a tese do fotolivro: enquanto a cidade hegemônica pretende apagar a cor, a vida, a criatividade da periferia (representada no design editorial pelo preto e branco), as próprias crianças capturam a vibrância, a cores, a beleza que insistem em existir (representadas pelas fotografias coloridas).

4.5 Solução final

O fotolivro *A cidade como a gente vê* constitui a solução final e o artefato central deste Trabalho de Conclusão de Curso, representando a síntese material de todo o processo de pesquisa-ação, fotografia e design editorial conduzido. A sua concepção não se limita à estética ou à organização visual, mas se estabelece como um dispositivo de mediação cultural e uma ferramenta de reversão narrativa. Ao materializar as fotografias e as vozes das crianças do Monte Serrat, o fotolivro cumpre o objetivo de dar visibilidade a uma parcela da infância de Florianópolis historicamente invisibilizada pela narrativa hegemônica da cidade. Dessa forma, cada decisão de design, desde a escolha do formato até a definição da tipografia, foi tomada com o propósito de honrar a coautoria infantil e potencializar a mensagem de resiliência e pertencimento que emerge das imagens.

4.5.1 Curadoria e estrutura do conteúdo

A transição do material bruto da pesquisa-ação para o produto final, o fotolivro, exigiu um processo de curadoria rigoroso, entendido aqui como uma etapa tanto estética quanto ética do design editorial. A curadoria não se limitou à seleção das “melhores” imagens, mas funcionou como um filtro conceitual e político, responsável por garantir a coautoria das crianças, a coerência narrativa do projeto e a proteção da comunidade retratada. Nesse sentido, a curadoria foi o elo entre a análise dos resultados e as decisões gráficas, transformando as fotografias e falas das crianças em uma narrativa visual organizada e acessível.

O ponto de partida foi o conjunto integral de imagens produzidas pelas cinco crianças ao longo da semana em que permaneceram com as câmeras. Ao todo, foram registradas dezenas de fotografias por participante, resultando em um acervo robusto e heterogêneo, com variações de enquadramento, foco, luminosidade e conteúdo. Esse volume de material reafirmou a potência da fotografia como linguagem de expressão na infância, mas também evidenciou a necessidade de um trabalho cuidadoso de seleção para que o fotolivro não se tornasse um arquivo indiscriminado, e sim uma narrativa intencional.

Na primeira fase de curadoria, realizada de forma colaborativa no grupo focal, as crianças atuaram como as primeiras leitoras e editoras de seu próprio trabalho.

Durante a projeção das imagens, cada participante pôde reconhecer suas fotos, comentar as circunstâncias em que foram feitas, escolher aquelas de que mais gostava e, em alguns casos, pedir explicitamente que certas imagens não fossem utilizadas. Fotografias muito tremidas, completamente escuras, com excesso de flash ou que as crianças consideraram “feias” ou “sem graça” foram descartadas nesse momento inicial. Esse gesto de veto é significativo porque revela não apenas um olhar crítico sobre a qualidade técnica, mas também o direito de decidir o que merece ou não ser compartilhado, reforçando a ideia de coautoria e de respeito à vontade das crianças.

Figura 11 - Uma das fotografias escolhida pelas crianças

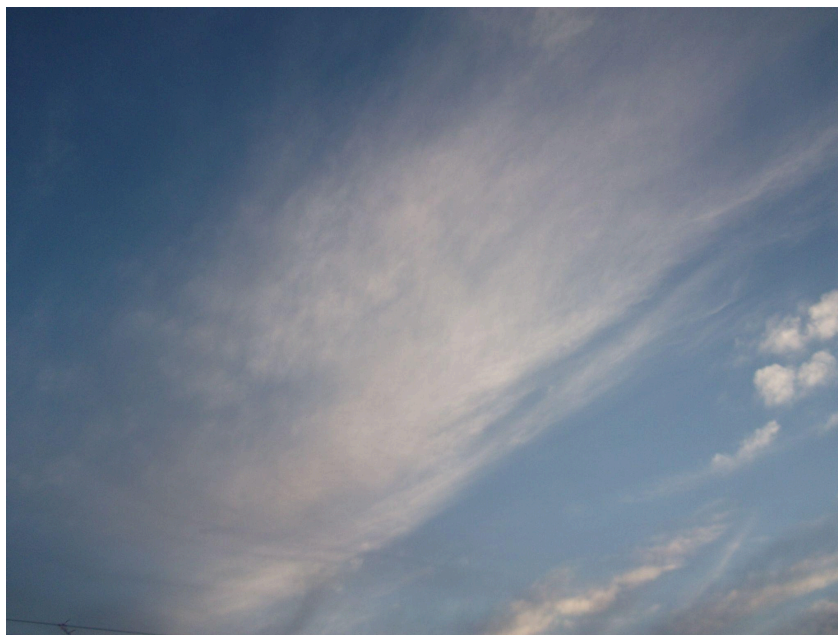


Fonte: Autora (2025)

A partir desse primeiro recorte, consolidou-se um conjunto reduzido de imagens “favoritas” das crianças, que serviu como base para a segunda fase de curadoria, conduzida pela pesquisadora. Nesta etapa, o foco deslocou-se da apreciação individual para uma análise global do acervo, considerando os eixos temáticos identificados na análise dos resultados – resiliência, denúncia, afeto e território – e os objetivos comunicacionais do fotolivro. Algumas imagens não selecionadas pelas crianças como favoritas foram reintroduzidas por sua relevância conceitual, por contribuírem com lacunas na narrativa visual ou por dialogarem

fortemente com as discussões teóricas desenvolvidas ao longo do trabalho, como ilustra a Figura 11. Esse movimento não anula a escolha infantil, mas a complementa, reconhecendo que, em um projeto de pesquisa-ação, tanto o olhar das crianças quanto o da pesquisadora desempenham papéis distintos e complementares.

Figura 12- Imagem reintroduzida ao livro pela autora



Fonte: Autora (2025)

Paralelamente, a curadoria operou como um filtro ético. Imagens que pudessem comprometer a privacidade ou a segurança das crianças e de suas famílias foram cuidadosamente avaliadas. Fotografias que mostravam rostos de parentes, vizinhos ou outras pessoas que não haviam assinado o termo de consentimento foram retiradas, assim como imagens que revelavam fachadas de casas, endereços identificáveis ou detalhes muito específicos da escola e da comunidade. Da mesma forma, fotos em formato *selfie* foram excluídas do conjunto final, tanto para preservar o anonimato quanto para manter o foco na relação das crianças com o espaço e o território, e não em retratos individuais. Essa filtragem reforçou o compromisso com a ética em pesquisas com crianças, respeitando seu direito à imagem e à proteção.

Como resultado desse processo, chegou-se a um conjunto enxuto de fotografias que equilibrou a diversidade de olhares com a coerência temática do

projeto. Procurou-se garantir que todas as crianças estivessem representadas no fotolivro, não apenas em termos quantitativos, mas qualitativos: cada participante contribuiu com imagens que expressam sua forma singular de ver o Monte Serrat, evitando hierarquias internas que privilegiassem um olhar em detrimento de outro. Esse cuidado dialogou com a perspectiva da infância como categoria social múltipla, em que não existe uma única “visão da periferia”, mas uma constelação de narrativas.

A partir desse conteúdo curado, a estrutura do fotolivro foi organizada em três capítulos: introdução, análise e conclusão. A escolha por uma estrutura concisa responde ao desejo de criar um objeto acessível e de impacto, mais próximo de um manifesto visual do que de um catálogo exaustivo. No primeiro capítulo, são apresentados o contexto da comunidade, o problema da invisibilidade das infâncias periféricas e a metodologia da pesquisa-ação, situando o leitor e oferecendo as chaves de leitura do projeto. O segundo capítulo constitui o núcleo do livro, reunindo as fotografias e trechos das falas das crianças organizados de acordo com os eixos temáticos, de modo que o leitor possa perceber como resiliência, denúncia, afeto e território se entrelaçam no cotidiano do Monte Serrat. Por fim, o terceiro capítulo amarra a experiência, retomando a tese do trabalho e convidando o leitor a refletir sobre seu próprio olhar para a cidade.

Essa estrutura, articulada à curadoria das imagens, foi pensada para preservar o protagonismo das crianças e, ao mesmo tempo, oferecer um percurso narrativo claro. A organização do conteúdo não impõe uma leitura única, mas propõe uma sequência que conduz o leitor da problematização à escuta das infâncias, e da escuta à reflexão crítica. Assim, a curadoria e a estrutura do conteúdo não são etapas periféricas, mas o coração do fotolivro *A cidade como a gente vê*, onde se concretiza a passagem da pesquisa-ação para o objeto editorial que dá visibilidade às infâncias periféricas de Florianópolis.

4.5.2 Projeto gráfico

A versão final completa do fotolivro *A cidade como a gente vê* foi incluída no Apêndice E. O projeto gráfico foi estruturado a partir de decisões que, mais que estéticas, são políticas e comunicacionais. Conforme argumentado por Garrett (2011) no contexto de design de experiência, cada escolha – formato, *grid*, tipografia

e paleta cromática – funciona como um ato de design que amplifica a voz infantil e reforça a tese do fotolivro. Nesse sentido, o design editorial não opera como simples moldura, mas como mediador ativo entre a experiência das crianças e o leitor, traduzindo visualmente as complexidades do olhar periférico.

O fotolivro adotou o formato quadrado de 21 x 21 cm, uma opção que dialoga com práticas editoriais consolidadas para livros infantis e fotolivros, facilitando o manuseio pelas crianças e oferecendo uma tela neutra que valoriza as composições fotográficas sem impor hierarquias visuais. Conforme discutido na seção de experimentação, este formato emergiu através de testes iterativos com as próprias crianças participantes, que reconheceram na proporção quadrada uma qualidade de equilíbrio e facilidade de manipulação. A partir de extensos testes de diferentes sistemas de *grid* realizados durante a fase de experimentação, consolidou-se um modelo baseado em 2 colunas com variação de linhas, que permitiu flexibilidade narrativa e composicional sem comprometer a coerência visual ao longo das páginas. Esse *grid*, inspirado nos princípios de modularidade descritos por Samara (2007), funciona como uma estrutura suficientemente robusta para acomodar a diversidade de enquadramentos produzidos pelas crianças – desde as composições tecnicamente perfeitas até aquelas marcadas por imperfeições que revelam a espontaneidade e a autenticidade do olhar infantil. O *grid* não apenas organiza o espaço, mas permite que a fotografia, enquanto linguagem, continue como protagonista, evitando que a estrutura editorial a subjogue ou homogeneíze.

No que diz respeito ao sistema tipográfico, a combinação de duas fontes complementares estrutura a hierarquia visual e estabelece diálogo entre diferentes vozes discursivas, refletindo a própria estrutura multivocal do projeto. A fonte Fit, utilizada em *extra bold* para títulos de capítulos e citações diretas das crianças, oferece impacto visual forte e apresenta características quase-caligráficas que dialogam com a energia e a criatividade das crianças autoras. Essa escolha tipográfica reconhece que as palavras das crianças não são meros dados a serem relatados, mas expressões que merecem estar visualmente amplificadas, com a mesma potência que suas fotografias. A Poppins, uma *sans-serif* geométrica empregada em 12 pt para os textos corridos sobre papel com acabamento fosco, garante legibilidade dos conteúdos analíticos com clareza e conforto visual, estabelecendo contraste funcional com a fonte de destaque. Esse sistema tipográfico reflete uma compreensão do design editorial como ferramenta que media

múltiplas linguagens: a do discurso científico e analítico (Poppins) e a da expressão imediata e sensível (Fit).

Além dessas duas tipografias comerciais, o projeto incorpora um elemento fundamental que redefine o próprio conceito de tipografia no contexto desta pesquisa: a caligrafia manuscrita das próprias crianças. Frases extraídas dos diálogos do grupo focal foram reescritas manualmente pelos participantes e, posteriormente, digitalizadas para integração no layout final. Essa decisão não representa meramente uma escolha estética decorativa, mas antes uma operação de design que questiona a própria autoridade tipográfica. Enquanto as tipografias comerciais (Fit e Poppins) carregam a neutralidade e a universalidade do design profissional, a caligrafia infantil introduz singularidade, imperfeição intencional e corporalidade. Cada traço irregular, cada variação na inclinação das letras, cada mudança no tamanho das palavras torna-se evidência material da autoria infantil. Conforme argumenta Luttrell (2021) sobre pesquisas com crianças, a preservação de marcas de autenticidade – neste caso, a grafia manual – funciona como resistência contra a apropriação indevida e a diluição da voz das crianças em narrativas adultas. O texto manuscrito interrompe o fluxo uniforme do design editorial, exigindo do leitor uma pausa, um reconhecimento de que ali há uma criança falando, não apenas sendo falada sobre. Essa inclusão da caligrafia das crianças reafirma um princípio fundamental da pesquisa-ação: as crianças não são apenas fontes de dados, mas coprodutoras da materialidade final do projeto.

A paleta cromática foi deliberadamente reduzida ao preto e branco, uma escolha que não representa minimalismo estético, mas antes uma decisão profundamente política e conceitual ancorada na semiótica visual. A ausência de cor no design editorial, conforme discutido por Barthes (1984) em sua análise sobre a fotografia como linguagem, cria um vazio que paradoxalmente amplifica significados. Neste fotolivro, a restrição cromática estabelece um diálogo visual com a riqueza cromática das fotografias produzidas pelas crianças, criando uma narrativa implícita e potente: enquanto a cidade hegemônica – representada pela sobriedade do design em preto e branco – pretende apagar a cor, a criatividade e a vida vibrante da periferia, as crianças, por meio de suas câmeras, capturam e preservam a vibrância que insiste em existir. O preto e branco conferem sobriedade formal ao projeto, amplificam o impacto visual das imagens fotográficas através do efeito de contraste e funcionam como uma moldura neutra e elegante que direciona integralmente o

olhar do leitor para o conteúdo infantil, evitando competições visuais que pudessem diminuir o protagonismo das narrativas das crianças.

Essa abordagem cromática dialoga com princípios do design editorial que reconhecem a fotografia não como elemento decorativo, mas como discurso visual autônomo capaz de produzir sentidos complexos. Ao recuar o design para plano secundário – através de sua contenção cromática – cria-se espaço para que as fotografias das crianças falem com maior potência. Essa é uma prática de design responsável e eticamente orientada, onde a escolha formal (preto e branco) serve a um objetivo político (amplificação da voz periférica infantil) e comunicacional (clareza narrativa).

Assim, as decisões de design não são meras escolhas formais ou decorativas, mas operações discursivas profundamente articuladas que reforçam a intenção política do fotolivro: produzir visibilidade das infâncias periféricas através de um objeto editorial que seja simultaneamente acessível, potente e eticamente responsável. A forma escolhida amplifica o conteúdo, garantindo que a presença e a autoria dos pequenos colaboradores permaneçam centrais em toda a experiência de leitura, transformando o fotolivro em um dispositivo que não apenas documenta narrativas, mas produz presença e reconhecimento social.

4.6 Considerações finais do desenvolvimento do fotolivro

O desenvolvimento do fotolivro *A cidade como a gente vê* consolidou um percurso em que teoria, método e prática projetual se entrelaçam de maneira indissociável. A partir da definição do problema “a invisibilidade das infâncias periféricas nas narrativas hegemônicas sobre Florianópolis”, foi possível estruturar um processo em que a fotografia e o design editorial atuam conjuntamente como ferramentas de escuta, representação e visibilidade social. Esse percurso reafirma a potência da pesquisa-ação ao permitir que as crianças do Monte Serrat participem ativamente na construção do objeto final, deslocando-as da posição de “objeto” para a de protagonistas do processo.

A análise das imagens e das falas produzidas pelas crianças evidenciou que sua relação com o território é marcada simultaneamente por resiliência, denúncia, afeto e pertencimento. Esses eixos temáticos, identificados a partir do grupo focal e da análise de conteúdo, orientaram a curadoria e a estruturação do fotolivro, que se

organiza como uma narrativa visual capaz de tensionar estereótipos sobre a periferia e evidenciar a complexidade de suas experiências cotidianas. Ao mesmo tempo, o processo de curadoria assumiu um caráter ético central, ao garantir o direito de veto das crianças, proteger a intimidade das famílias e equilibrar os diferentes olhares presentes no material coletado.

No âmbito do design, as etapas de experimentação e solução mostraram que decisões aparentemente formais, como a adoção do formato quadrado, a definição de um grid flexível, a combinação tipográfica entre fontes digitais e caligrafia infantil e a opção por uma paleta cromática contida, operaram como escolhas discursivas que reforçam a intenção do projeto. O fotolivro foi concebido para ser manuseado por crianças e adultos, para circular na comunidade e em espaços acadêmicos, e para convidar o leitor a rever seu olhar sobre a cidade. Dessa forma, o objeto final não apenas documenta uma experiência, mas produz uma nova forma de presença das crianças periféricas no campo visual e simbólico.

Desse modo, o desenvolvimento do fotolivro demonstra que o design editorial pode atuar de maneira sensível e politicamente situada quando se dispõe a mediar vozes historicamente silenciadas. Ao materializar as narrativas visuais das crianças do Monte Serrat em um artefato concreto, o projeto amplia o repertório de práticas de design voltadas para a inclusão social e aponta possibilidades para que outras pesquisas explorem a fotografia e o livro como dispositivos de participação, escuta e disputa de narrativas na cidade.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho partiu do reconhecimento de que as infâncias periféricas de Florianópolis são sistematicamente invisibilizadas nas narrativas hegemônicas sobre a cidade, tanto nos discursos institucionais quanto nas representações midiáticas. Diante desse cenário, formulou-se a questão central: como a fotografia, aliada ao design editorial, pode atuar como ferramenta de expressão e visibilidade para as infâncias periféricas? A partir dessa problemática, o estudo teve como objetivo desenvolver um material gráfico que valorizasse a expressão visual de crianças da periferia, tomando o fotolivro *A cidade como a gente vê* como artefato de síntese de um processo de pesquisa-ação com crianças da comunidade do Monte Serrat.

No percurso teórico, a pesquisa dialoga com autores da sociologia da infância, dos estudos sobre desenvolvimento infantil, da cultura visual e do design editorial, construindo uma base conceitual que compreende a criança como sujeito social ativo, competente e produtor de cultura. Essa perspectiva permitiu questionar leituras adultocêntricas que reduzem a infância periférica a um lugar de falta, recolocando as crianças como protagonistas na produção de narrativas sobre o território que habitam. Ao articular teorias da infância, metodologias participativas com crianças, reflexões éticas e discussões sobre fotografia e design editorial, o trabalho reafirma que práticas visuais podem constituir formas legítimas de conhecimento sobre a cidade e sobre as desigualdades que a atravessam.

Do ponto de vista empírico e metodológico, a adoção da pesquisa-ação associada ao método projetual de Bruno Munari possibilitou construir um processo em que investigação e projeto caminham juntos. A coleta de dados, realizada com a entrega de câmeras às crianças e a posterior realização de um grupo focal, mostrou que, quando se oferece meios materiais e simbólicos para que as crianças registrem seu cotidiano, emergem leituras complexas sobre a periferia. As imagens e falas analisadas evidenciaram eixos recorrentes de resiliência, denúncia, afeto e relação com o território, revelando uma periferia que não se resume à carência, mas é também espaço de vínculos, invenção e pertencimento. Ao mesmo tempo, as fotografias trouxeram à tona contradições, problemas estruturais e sentimentos ambíguos em relação ao lugar, indicando que as crianças percebem, elaboram e significam as desigualdades que as atravessam.

No campo do design, o trabalho contribui ao demonstrar, de forma concreta,

como o design editorial pode operar como ferramenta de escuta e mediação cultural. O desenvolvimento do fotolivro mostrou que decisões de formato, grid, tipografia, paleta cromática e organização de conteúdo não são neutras, mas carregam implicações éticas e políticas. Ao adotar um formato acessível ao manuseio infantil, ao estruturar um *grid* que respeita a diversidade das imagens produzidas, ao combinar tipografias que articulam discurso analítico e expressão sensível e ao optar por uma paleta cromática contida que realça a fotografia como discurso, o projeto evidencia que o design pode ser colocado a serviço da amplificação de vozes historicamente silenciadas. O fotolivro resultante, nesse sentido, não é apenas um produto esteticamente resolvido, mas um dispositivo de visibilidade e de disputa de narrativas sobre a cidade.

A pesquisa também aponta contribuições para o campo das metodologias de pesquisa com crianças. Ao incluir as crianças em diferentes etapas, da produção das imagens à análise em grupo focal e à curadoria inicial das fotografias, o estudo reforça a importância de práticas que não apenas “dão voz”, mas reconhecem a autoria e o direito de veto das crianças sobre suas próprias representações. A experiência mostrou que estratégias visuais e participativas favorecem a expressão de conteúdos que, muitas vezes, não emergem em abordagens exclusivamente verbais, além de fortalecerem vínculos de confiança e respeito entre pesquisadora, participantes e comunidade.

Como toda pesquisa, este trabalho apresenta limitações. O estudo concentrou-se em uma única comunidade e em um grupo reduzido de crianças, o que impede generalizações sobre todas as infâncias periféricas de Florianópolis ou de outras cidades brasileiras. O recorte temporal também foi restrito, o que não permitiu acompanhar transformações de longo prazo nas percepções das crianças ou nos efeitos da circulação do fotolivro. Além disso, o foco em um produto editorial específico implicou escolhas de linguagem que poderiam ser diferentes em outros suportes, como exposições, intervenções urbanas ou plataformas digitais.

Essas limitações, contudo, abrem caminhos para desdobramentos futuros. Pesquisas posteriores podem ampliar o número de participantes e de territórios, comparando olhares de crianças de diferentes comunidades ou faixas etárias. Outras investigações podem explorar a recepção do fotolivro em contextos educativos, avaliando como professores, estudantes e famílias mobilizam esse tipo de material em discussões sobre cidade, desigualdade e direitos das crianças. Há

também potencial para experimentar outros formatos de design, como exposições fotográficas itinerantes, zines produzidos coletivamente ou projetos transmidiáticos que articulem impresso e digital, aprofundando a reflexão sobre o papel do design na construção de espaços de fala para grupos marginalizados.

Em síntese, o trabalho evidencia que a fotografia, aliada ao design editorial e sustentada por uma abordagem ética e participativa, constitui um caminho fecundo para tornar visíveis as infâncias periféricas e para tensionar as narrativas hegemônicas sobre a cidade. Ao aproximar o campo do design das discussões sobre direitos da criança, território e representação social, a pesquisa reafirma a potência de projetos que se colocam ao lado das crianças não apenas para falar sobre elas, mas para construir, com elas, outras formas de ver e narrar o mundo.

REFERÊNCIAS

BARRETO, André de Carvalho. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 275–293, ago. 2016. DOI: 10.5752/P.1677-11682016000200003. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-1168201600020003. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 128, n. 135, p. 13563, 16 jul. 1990.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 dez. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44–46, 24 maio 2016.

CASTELEIRO-PITREZ, Joana; BARRADAS, Alexandra. O ensino do design editorial contemporâneo: a utilização de um processo de design e as suas implicações na criatividade e expressão autoral. **Revista Design & Tecnologia**, v. 10, n. 21, p. 11–21, 2020. DOI: 10.23972/det2020iss21pp11-21. Disponível em: <http://www.pgdesign.ufrgs.br>. Acesso em: 14 jul. 2025.

DORST, Kees. The core of 'Design Thinking' and its application. **Design Studies**, v. 32, n. 6, p. 521-532, 2011.

EINARSDOTTIR, Johanna. Playschool in pictures: children's photographs as a research method. **Early Child Development and Care**, v. 175, n. 6, p. 523–541, 2005. DOI: 10.1080/03004430500131320.

EVANGELISTA, T. A. *et al.* Uso da fotografia em pesquisas com crianças e adolescentes com condições crônicas: revisão integrativa. **Acta Paul Enferm.**, v. 36, eAPE01994, 2023.

GREIG, A.; TAYLOR, J.; MACKAY, T. **Doing research with children: a practical guide**. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2012.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Design editorial e publicação multiplataforma. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 571–588, set./dez. 2015. DOI: 10.19132/1807-8583201534.571-588. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58547>. Acesso em: 12 jul. 2025.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; CASTEDO, Raquel da Silva. **O design de periódicos científicos on-line e a visibilidade da ciência na web**. [s.l.], 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/80297>. Acesso em: 12 jul. 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JÚNIOR, Otávio. *Da Minha Janela*. Rio de Janeiro: Saber Didático, 2020.

KEMMIS, Stephen; McTAGGART, Robin. **The action research planner**. 3rd edition. Deakin University Press, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

LOIZOU, Eleni. Disposable cameras, humour and children's abilities. **Contemporary Issues in Early Childhood**, v. 12, n. 2, p. 148–161, 2011. DOI: 10.2304/ciec.2011.12.2.148.

LUPO, Eleonora. Innovating the scenario of scientific publishing in design: designing “living publications”. **Strategic Design Research Journal**, v. 15, n. 2, p. 198–217, abr./jun. 2022. DOI: 10.4013/sdrj.2022.152.09.

LUTTRELL, Wendy. **Children framing childhoods**: working-class kids' visions of care. Bristol (Reino Unido): Policy Press, 2020. 340 p. ISBN 978-1-4473-53330-0.

LUTTRELL, Wendy. Olhar cuidadoso: uma pesquisa visual com crianças. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 41, n. 113, p. 161–178, jan./abr. 2021.

MÜLLER, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Luiza Barros Pedroso. Estudos da infância: outra abordagem para a pesquisa em educação. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, p. 11–22, 2014.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. Coimbra: Edições 70, 2017.

PUNCH, Samantha. Research with children: the same or different from research with adults? **Childhood**, London, v. 9, n. 3, p. 321–341, 2002. DOI: 10.1177/0907568202009003005.

RODRIGUES, Juliana; SOUZA, Felipe; MARTINS, Carla. Pesquisa qualitativa com crianças: desafios e possibilidades. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 24, supl., 2016.

SANTOS, Davilene Souza. **Design editorial como recurso para disseminação da informação científica**: uma análise da Gazeta Médica da Bahia. 2024. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36379>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SILVA, Carla Beatriz da; PEREIRA, Lucas Roberto. Direito da criança à cidade: reconstrução teórica e aplicação em contextos urbanos diversificados. **Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/jbPs68KvccFVQcYryskXzVn/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SILVA, Eloína Ariana Ribeiro Damasceno *et al.* O olhar de crianças do CAPSi sobre as relações do cuidar e do brincar. **Trends in Psychology**, v. 25, n. 4, p. 1637–1651, 2017.

SILVA, Joana; MENDES, Paulo; ALVES, Renata. Metodologias participativas em pesquisa com crianças: abordagem ética. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 275-286, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICE A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA

INSTITUTO FEDERAL DE
SANTA CATARINA IFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A periferia sob a perspectiva das crianças

Pesquisador: FILIPE AGUIAR CARGNIN

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 92188025.3.0000.0185

Instituição Proponente: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.929.782

Apresentação do Projeto:

Conforme informações obtidas no Projeto Brochura e nos demais arquivos anexados na Plataforma Brasil, o projeto de pesquisa apresentado tem como objetivo desenvolver um material gráfico que valorize a expressão visual de crianças da periferia de Florianópolis por meio da fotografia, utilizando o design editorial como ferramenta de escuta, representação e visibilidade social. A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa e adota a metodologia da pesquisa-ação, por meio da análise da produção de imagens fotográficas e entrevistas com cinco crianças de 7 a 9 anos de idade. Na descrição do item Metodologia Proposta centra-se na caracterização do tipo de pesquisa. Os critérios de inclusão e exclusão estão adequadamente apresentados.

Em relação aos aspectos éticos, a pesquisadora informa que os participantes e responsáveis serão informados sobre a pesquisa e seus objetivos, terão garantido o sigilo de suas informações e a participação será voluntária. Informa ainda que poderão desistir a qualquer momento, sem prejuízos, e que, em caso de desconforto ou necessidade, serão amparados nas necessidades apresentadas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo da Pesquisa (problema):

Endereço: Rua 14 de julho nº150
Bairro: Florianópolis **CEP:** 88.075-010
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3877-9078 **E-:** cepsh@ifsc.edu.br

Continuação do Parecer: T.929.782

Como a fotografia, aliada ao design gráfico, pode atuar como ferramenta de expressão e visibilidade para as infâncias periféricas de Florianópolis?

Objetivo primário (geral)

Desenvolver um material gráfico que valorize a expressão visual de crianças da periferia de Florianópolis por meio de registros fotográficos realizados por elas e pela pesquisadora, utilizando o design editorial como ferramenta de escuta, representação e visibilidade social.

Objetivo secundário (específico)

1. Investigar a utilização da fotografia como linguagem de expressão na infância.
2. Realizar registros fotográficos autorais e participativos com crianças da periferia.
3. Analisar os aspectos semânticos e sintáticos presentes nas imagens produzidas pelas crianças e pela pesquisadora.
4. Projetar a diagramação de um material que traduza essas narrativas visuais com sensibilidade e coerência estética.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avaliação dos Riscos e Benefícios: Riscos e benefícios são apresentados de forma clara e objetiva no projeto brochura, e no Termo de assentimento e Termo de consentimento livres e esclarecidos.

Riscos: A pesquisadora informa que os riscos aos participantes da pesquisa são mínimos e os correlaciona com as medidas que serão adotadas para mitigá-los:

- Possibilidade de constrangimento ou desconforto: As crianças podem sentir-se constrangidas ou desconfortáveis ao discutir suas percepções. Para minimizar este risco, os indivíduos receberão esclarecimento prévio sobre a pesquisa através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais/responsáveis e do Termo de Assentimento para as crianças. As entrevistas poderão ser interrompidas a qualquer momento, caso a criança manifeste desconforto. Será garantida a privacidade durante as atividades e a participação será voluntária, podendo a criança desistir a qualquer momento.
- Quebra de sigilo/anonimato/confidencialidade: Existe o risco de que as

Endereço: Rua 14 de julho n°150
Bairro Florianópolis CEP: 88.075-010
UF: SC Município FLORIANOPOLIS
Telefone (48)3877-9078 E- cepsh@ifsc.edu.br

Continuação do Parecer: 7.929.782

informações e imagens coletadas possam, de alguma forma, identificar os participantes. Para mitigar este risco, todas as respostas e fotografias serão tratadas com estrita confidencialidade e serão resguardadas pelo sigilo dos pesquisadores durante a pesquisa e na divulgação dos resultados, assegurando o anonimato dos participantes.

- Cansaço ao realizar as atividades: As atividades de registro fotográfico e as entrevistas podem ser extensas e gerar cansaço nas crianças. Para isso, serão realizadas pausas durante as entrevistas e atividades, caso a criança apresente sinais de cansaço ou desinteresse, respeitando seu ritmo e bem-estar. Também afirma que fará o armazenamento seguro do material produzido (fotos e registro de entrevistas), com exclusão segura após transcorridos 5 anos.

Benefícios: A pesquisadora informa que os benefícios advindos da pesquisa são diretos e indiretos.

Benefícios diretos:

- Expressão e Protagonismo: As crianças terão a oportunidade de expressar suas percepções e vivências sobre o território em que vivem por meio da fotografia, assumindo um papel ativo e protagonista na construção do conhecimento. Isso contribui para o desenvolvimento de sua autonomia e criatividade.
- Valorização da Voz Infantil: A metodologia da pesquisa-ação e do Design Thinking garante que as vozes e experiências das crianças sejam valorizadas e incorporadas de modo autêntico ao material final, promovendo o reconhecimento de suas perspectivas únicas.
- Desenvolvimento de Habilidades: A participação no projeto pode estimular o desenvolvimento de habilidades de observação, reflexão crítica e expressão visual nas crianças.

Benefícios indiretos:

- Visibilidade Social e Valorização: O material visual resultante da pesquisa, que se transformará em um livro, dará visibilidade às infâncias periféricas de Florianópolis, promovendo a valorização de suas experiências e contribuindo para desconstruir narrativas estigmatizadas sobre a periferia.
- Reflexão Crítica: A pesquisa pode estimular uma reflexão crítica sobre a realidade da periferia, tanto para os participantes quanto para a comunidade em

Endereço: Rua 14 de julho n°150
Bairro: Florianópolis **CEP:** 88.075-010
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3877-9078 **E-:** cepsih@ifsc.edu.br

Continuação do Parecer: 7.929.782

geral, ao apresentar um olhar sensível e autêntico sobre o cotidiano desses espaços.

- Contribuição para o Conhecimento: O estudo contribuirá para o campo acadêmico ao aprofundar o conhecimento sobre a infância em contextos periféricos e ao explorar metodologias visuais, como a fotografia e o design editorial, que dão voz a grupos historicamente silenciados.

- Instrumento para Diálogo: O material gráfico poderá servir como um instrumento para educadores, pesquisadores e a comunidade dialogarem sobre temas como infância, território e diversidade cultural, fomentando a inclusão social e o reconhecimento das diferentes formas de olhar o mundo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A pesquisa é pertinente e atual, de interesse social e relevante para a sociedade, uma vez que pretende entender o sentido desenvolvido por crianças sobre o lugar onde residem. Pode auxiliar na crítica ao estigma de locais periféricos bem como fortalecer o senso de pertencimento. Utiliza referencial teórico, método e metodologia adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de rosto: apresentada; atende o requisito.
- 2) Declaração de compromisso do pesquisador responsável: consta na folha de rosto; atende o requisito.
- 3) Garantia de que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa: atende o requisito.
- 4) Orçamento financeiro: atende o requisito.
- 5) Cronograma: atende o requisito, com datas ajustadas.
- 6) TCLE e TALE: apresentados; atende o requisito.
- 7) Demonstrativo da existência de infraestrutura necessária e apta ao desenvolvimento da pesquisa: atende o requisito.
- 8) Termo de sigilo e confidencialidade: atende o requisito.
- 9) Declaração de pesquisa não iniciada: apresentada; atende o requisito.
- 10) Termo de anuência para realização da pesquisa: não se aplica.
- 11) Roteiro para as intervenções com os participantes da pesquisa: apresentado;

Endereço: Rua 14 de Julho n°150	CEP: 88.075-010
Bairro: Florianópolis	
UF: SC	Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3877-9078	E-: cepsb@ifsc.edu.br

Continuação do Parecer: T.929.792

atende o requisito.

12) Termo de cessão de direito de uso de imagem: não se aplica.

13) Projeto de pesquisa completo: apresentado; ver análise a seguir:

a- Metodologia: está bem descrita, especialmente no que diz respeito à caracterização da pesquisa e a forma de obtenção dos dados; ajustes realizados.

b- Critérios de inclusão/exclusão: atende o requisito.

c- Instrumento de coleta de dados: apresentado; em conformidade.

d- Cronograma: ajustado.

Recomendações:

Lembro ao pesquisador que o levantamento de dados da pesquisa junto aos participantes deve seguir o protocolo aprovado pelo CEPESH/IFSC conforme consta no Parecer Consubstanciado e que qualquer alteração na intervenção com os participantes deve ser submetida como emenda para análise do CEPESH. Reforço a necessidade de cuidado com o material produzido e que estes sejam arquivados, prioritariamente, em meio físico, de modo a reduzir o risco de acesso por pessoas não autorizadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações no protocolo apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa ζ CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n.º 510, de 2016, na Resolução CNS n.º 466, de 2012, e na Norma Operacional n.º 001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto. Ao final da pesquisa deverá ser enviado relatório final conforme modelo disponível no site do CEPESH-IFSC.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2628360.pdf	21/10/2025 00:01:05		Aceito
Outros	carta_correcoes_assinada.pdf	20/10/2025 23:40:26	CAMILLA SILVEIRA PERICO	Aceito

Endereço: Rua 14 de julho n°150
Bairro: Florianópolis CEP: 88.075-010
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3877-9078 E-mail: cepesh@ifsc.edu.br

Continuação do Parecer: 7.529.782

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochuradetalhadacamilla.pdf	20/10/2025 23:39:57	CAMILLA SILVEIRA PERICO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_sigilo_e_confidencialidade.pdf	19/09/2025 11:30:49	CAMILLA SILVEIRA PERICO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaopesquisanaoiniciada.pdf	19/09/2025 11:30:20	CAMILLA SILVEIRA PERICO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	19/09/2025 11:24:36	CAMILLA SILVEIRA PERICO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale.pdf	19/09/2025 11:24:16	CAMILLA SILVEIRA PERICO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinado.pdf	19/09/2025 11:13:49	CAMILLA SILVEIRA PERICO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

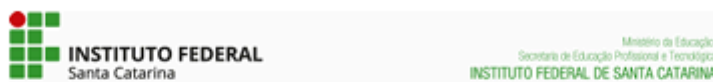
Não

FLORIANOPOLIS, 28 de Outubro de 2025

Assinado por:
PEDRO ROSSO
(Coordenador(a))

Endereço: Rua 14 de julho nº150
Bairro: Florianópolis **CEP:** 88.075-010
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3877-9078 **E-:** cepsh@ifsc.edu.br

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



TCLE

Elaborado por:
Vanessa L. Tuzno Jardim e Luciana Senter
Adaptado por:
Comissão Permanente de Gestão de Dados Institucionais Portaria do(a) Reitor(a) N° 2796 de 14 de setembro de 2021
Versão n.3 Maio/2022

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário em uma pesquisa. Leia os termos abaixo e, caso aceite fazer parte do estudo, assine este termo.

Para o caso de documento em cópia física: Rubrique todas as páginas e assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador.

Para o caso de documento virtual: Será possível inserir ao término do documento a assinatura com certificado digital, sendo que este documento será encaminhado para o seu e-mail pelo pesquisador.

Título da pesquisa: *A PERIFERIA SOB A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS*

Pesquisador responsável (Operador de dados): *Filipe Aguiar Cargnin e Camilla Silveira Périco*

Endereço: filipe.cargnin@ifsc.edu.br / camilla.sp@aluno.ifsc.edu.br

Telefone para contato: (48) 99190-6700

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CEPSH) é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP/IFSC está localizado dentro da própria Instituição, à Rua 14 de julho nº150, térreo, sala 02, Florianópolis-SC, CEP 88075-010. Horário de funcionamento definido de segunda-feira a sexta-feira das 8h às 12h para contato dos pesquisadores e participantes das pesquisas. Telefone para contato (48) 3877-9054 e e-mail cepsh@ifsc.edu.br.

O objetivo desta pesquisa é desenvolver um material gráfico que valorize a expressão visual de crianças da periferia de Florianópolis por meio de registros fotográficos realizados por elas e pela pesquisadora, utilizando o design editorial como ferramenta de escuta, representação e visibilidade social.

A sua participação na pesquisa consiste em fazer registros fotográficos da comunidade em contexto cotidiano e compartilhar com a pesquisadora suas percepções sobre as fotografias e seu contexto, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o(a) pesquisado(a). Os

procedimentos aplicados por esta pesquisa eventualmente podem oferecer riscos (*Ressalta-se que toda pesquisa tem riscos, mesmo que sejam mínimos. A participação nesta pesquisa envolve riscos mínimos, inerentes a qualquer interação social e atividade de pesquisa. No entanto, foram tomadas todas as precauções para garantir a segurança e o bem-estar dos participantes. Os principais riscos e as medidas para minimizá-los são:*

- *Possibilidade de constrangimento ou desconforto: As crianças podem sentir-se tímidas ou desconfortáveis em alguns momentos. Para isso, garantimos que a participação é voluntária, que as atividades podem ser interrompidas a qualquer momento e que a privacidade será sempre respeitada.*
- *Quebra de sigilo ou identificação: Existe um risco mínimo de que as informações ou fotos possam, de alguma forma, identificar a criança. Para evitar isso, todas as informações e imagens serão tratadas com total confidencialidade, usando pseudônimos e garantindo que nada que possa identificar a criança seja divulgado.*
- *Cansaço durante as atividades: As atividades de fotos e entrevistas podem ser um pouco longas. Faremos pausas sempre que necessário para que a criança não se sinta cansada ou sobrecarregada.*

Caso queira, informe ao pesquisador qualquer condição de saúde, que possa interferir em sua participação na pesquisa. Caso ocorram efeitos indesejáveis ao(a) pesquisado(a), encaminharemos para um profissional da psicologia, sendo garantida assistência imediata, sem ônus de qualquer espécie a sua pessoa com todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico. Os benefícios esperados pela sua participação na pesquisa são a oportunidade de expressar suas visões e experiências por meio da fotografia, assumindo um papel ativo e tendo suas vozes valorizadas. Isso pode contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades de expressão e observação. Indiretamente, o material visual produzido, que se tornará um livro, dará visibilidade às infâncias da periferia de Florianópolis, promovendo a valorização de suas experiências e contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre a realidade local. Este trabalho também enriquecerá o conhecimento acadêmico e poderá servir como ferramenta para o diálogo sobre infância, território e diversidade cultural. A atividade não prevê nenhum tipo de ressarcimento ou compensação material para os participantes.

É garantida indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa a sua pessoa.

Elaborado por:
Vanessa L. Tuono Jardim e Luciana Senter
Adaptado por:
Comissão Permanente de Gestão de Dados Institucionais Portaria do(a) Reitor(a) N° 2796 de 14 de setembro de 2021
Versão n.3 Maio/2022

CONSENTIMENTO DA PESSOA (TITULAR) COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento e ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Local: _____ Data ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa:

Assinatura do pesquisador responsável:

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)



INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Para crianças e adolescentes (maiores de 7 anos e menores de 18 anos) e para legalmente incapaz.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “A PERIFERIA SOB A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS”, coordenada pelos pesquisadores Filipe Aguiar Cargnin e Camilla Silveira Périco. Seus pais ou responsáveis permitiram que você participe.

Nesta pesquisa pretendemos criar um livro, que apresentará as fotografias feitas por crianças da comunidade de Monte Serrat, em Florianópolis, e também as fotos feitas pela pesquisadora (Camilla). O propósito é mostrar como percebem o lugar onde vivem, de forma que suas ideias e experiências sejam valorizadas e conhecidas por outras pessoas.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 7 a 9 anos de idade.

A pesquisa será feita na comunidade do Monte Serrat em Florianópolis, onde as crianças farão registros fotográficos da comunidade em contexto cotidiano e compartilharão com a pesquisadora suas percepções sobre as fotografias e seu contexto.

Você receberá uma câmera digital para tirar fotos. Durante uma semana, você poderá levar a câmera para casa para fotografar o que quiser no seu dia a dia, sem a pesquisadora por perto, mas sempre com a ajuda e o acompanhamento de seus pais ou responsáveis. Depois, faremos uma segunda rodada de fotos com algumas tarefas, como “fotografe seu objeto favorito”, “fotografe seu lugar favorito” e “fotografe o lugar onde você encontra calma”.

Depois das fotos, teremos entrevistas individuais com você na própria escola, fora do horário de aula, e seus pais ou responsáveis estarão sempre presentes. Todas as nossas reuniões e conversas acontecerão na escola, com a autorização dos seus pais ou responsáveis.

A câmera é considerada segura, mas é possível que ela se perca. Caso isso aconteça, você pode nos procurar pelos telefones que seus pais têm no começo do texto. Mas há coisas boas que podem acontecer, como a oportunidade de expressar suas visões e experiências por meio da fotografia, assumindo um papel ativo e tendo suas vozes valorizadas. Isso pode contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades de expressão e observação. Indiretamente, o material visual produzido, que se tornará um livro, dará visibilidade às infâncias da periferia de Florianópolis, promovendo a valorização de suas experiências e contribuindo para uma

reflexão mais ampla sobre a realidade local. Este trabalho também enriquecerá o conhecimento acadêmico e poderá servir como ferramenta para o diálogo sobre infância, território e diversidade cultural.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em um livro que será divulgado em universidades, escolas e nas redes sociais, mas sem identificar as crianças que participaram. Não é nosso objetivo fotografar pessoas (crianças ou adultos). O que queremos é que você mostre como vê o seu bairro. Se, por acaso, alguma pessoa aparecer nas suas fotos, essa imagem não será usada no livro ou será modificada para que ninguém possa ser reconhecido, garantindo seu segredo. Para que ninguém te identifique, você poderá escolher um nome de mentira (um apelido) para usar no livro e em todo o material da pesquisa. Assim, seu nome verdadeiro ficará em segredo.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa A PERIFERIA SOB A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Florianópolis, ___ de _____ de 2025.

Assinatura do pesquisador e do participante da pesquisa.

APÊNDICE D - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Objetivo: Compreender as percepções e significados atribuídos pelas crianças às fotografias que produziram livremente e a partir de tarefas específicas.

Público: Crianças de 7 a 9 anos.

Material: Fotografias impressas ou em tela (tablet/computador) produzidas pela criança.

Iniciando a conversa:

1. Você gostou de tirar fotos com a câmera? O que você mais gostou?
2. Olhando para essas fotos que você tirou, qual delas você mais gosta? Por quê?

Perguntas para fotos específicas:

1. Me conte sobre essa foto. O que você estava pensando quando tirou ela?
2. Tem alguma foto que te lembra alguma história ou alguma coisa que aconteceu?
Qual?
3. O que você queria mostrar para as pessoas quando tirou essa foto?
4. Se você pudesse dar um nome para essa foto, qual seria?

Reflexão sobre a experiência:

1. Tem alguma foto que você não gostou de tirar ou que não saiu como você queria?
Por quê?
2. O que você aprendeu ou percebeu de diferente sobre o lugar onde você mora depois de tirar essas fotos?
3. Tem mais alguma coisa que você queira me contar sobre suas fotos ou sobre o que você viu?

Perguntas para tarefas específicas:

Tarefa: “Fotografe seu objeto favorito”

1. Qual foi o objeto que você escolheu para fotografar? Por que ele é o seu favorito?
2. O que essa foto te faz sentir?
3. Se você pudesse contar uma história sobre esse objeto, qual seria?

Tarefa: “Fotografe seu lugar favorito”

1. Qual lugar você escolheu para fotografar? Por que ele é o seu lugar favorito?
2. O que você mais gosta de fazer nesse lugar?
3. O que essa foto te lembra ou te faz sentir?

Tarefa: “Fotografe o lugar onde você encontra calma”

1. Qual lugar você fotografou para encontrar calma? O que te faz sentir calmo(a) lá?
2. Quando você está nesse lugar, o que você pensa ou sente?
3. Essa foto mostra bem como você se sente nesse lugar? Por quê?

Perguntas Gerais (após discutir todas as tarefas):

1. Foi diferente tirar fotos com tarefas específicas? O que você achou?
2. Teve alguma tarefa que você gostou mais de fazer? Por quê?
3. O que você aprendeu ou percebeu de novo sobre você ou sobre o lugar onde você mora depois de fazer essas fotos com tarefas?
4. Tem mais alguma coisa que você queira me contar sobre as fotos ou sobre o que você viu?

APÊNDICE E - VERSÃO FINAL DO FOTOLIVRO

A CIDADE COMO A GENTE VÊ



A periferia sob a perspectiva das crianças

CAMILA SWEIRA

A realização deste projeto é, antes de tudo, uma prova de que o trabalho colaborativo e a escuta sensível podem transformar a realidade.

Minha gratidão mais profunda é dedicada a Dom, Leo, Iris, Luna e Sol, os verdadeiros coautores deste livro. Vocês me ensinaram a ver a cidade com novos olhos, e a coragem e a sinceridade de vocês são a essência de cada página.

Ao meu orientador, Filipe Aguiar Cargnin, por ter acreditado na potência deste tema e por ter me guiado com sabedoria e paciência, transformando uma ideia em um projeto concreto.

Aos pais e responsáveis, por confiarem em meu trabalho e permitirem que a voz de seus filhos ecoasse neste material.

À Gabriele Vitoria de Jesus, sua memória segue viva em todos nós. Que este livro seja um pequeno retorno de tudo o que recebi.

1

ANTES DE ABRIR OS OLHOS



3

O FUTURO EM NOSSAS MÃOS



2

ONDE NASCE O COTIDIANO

PREFÁCIO

Este livro não é apenas o resultado de um trabalho de conclusão de curso; é, acima de tudo, o registro de um encontro. Um encontro que me tirou da zona de conforto da academia e me levou para o coração pulsante das periferias de Florianópolis, onde a vida, em sua forma mais crua e vibrante, acontece.

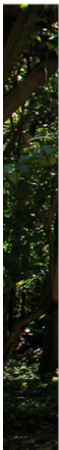
Antes de iniciar este projeto, eu tinha a certeza de que a infância periférica era invisível. Eu via a ausência dessas vozes nos discursos oficiais, nas mídias e nas produções culturais que celebram a capital. O que eu não sabia era a potência que se escondia por trás desse silêncio.

A metodologia que escolhemos: a pesquisa-ação, a entrega da câmera como ferramenta de autoria, foi um convite para que as crianças se tornassem coprotagonistas de suas próprias histórias. E elas aceitaram o convite com uma sinceridade desarmante. Elas me ensinaram que a periferia não é um lugar de falta, mas um lugar de invenção. Onde eu via o desafio, elas viam o palco para a brincadeira. Onde eu via a precariedade, elas encontravam a beleza.

O design editorial foi a ponte que construí para traduzir essa experiência. Ele é a ferramenta que garante que o olhar delas seja apresentado com a dignidade e o respeito que merecem. Cada página, cada diagramação, cada escolha tipográfica foi pensada para amplificar a voz dessas crianças, transformando o que era invisível em algo palpável e inegável.

Ao folhear estas páginas, você não encontrará apenas fotografias; encontrará a perspectiva de Dom, Leo, Iria, Luna e Sol. Encontrará a prova de que a infância, em qualquer contexto, é um período de força criativa e resiliência. Minha esperança é que este livro seja mais do que um objeto de design. Que ele seja um espelho para a comunidade e uma janela para quem está de fora. Que ele nos lembre que, para entender a cidade, precisamos, urgentemente, aprender a ver o mundo pelos olhos de quem está apenas começando a descobri-lo.

A CIDADE COMO
A GENTE VÊ





12 A cidade como a gente vê

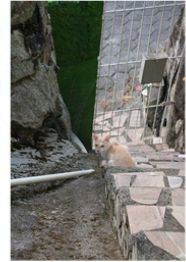
A cidade de Florianópolis é frequentemente retratada por suas praias, paisagens idílicas e qualidade de vida. Essa imagem, embora real, é apenas uma parte da história. Existe uma outra cidade, construída em suas encostas e bairros mais afastados, onde a infância se desenvolve em meio a desafios estruturais e, muitas vezes, sob o peso da invisibilidade. Este livro nasce justamente desse contraste: da necessidade urgente de romper o silêncio que cerca as crianças que crescem nas periferias da capital catarinense.

A cidade como a gente vê 13

Este projeto, em particular, se debruça sobre o Monte Serrat, uma das comunidades mais antigas da cidade, cuja história é forjada na luta e na resistência. Sua ocupação, iniciada no século XIX por escravos fugidos e libertos e consolidada a partir do século XX com a exclusão urbana, é um testemunho vivo de que a periferia não é um lugar de ausência, mas sim de intensa produção cultural e organização coletiva.

É nesse contexto de história e resistência que se desenvolve uma infância cujas vivências são raramente consideradas legítimas ou dignas de registro, perpetuando um ciclo de invisibilidade. Este material gráfico é a tradução visual de um projeto que buscou, intencionalmente, inverter a lente e colocar a câmera nas mãos de quem mais importa: as crianças. A fotografia, compreendida aqui como uma linguagem estética e comunicacional, oferece a elas a possibilidade de construir e representar seu próprio mundo, revelando modos de ser e perceber que escapam às narrativas adultocêntricas.

O papel do Design Editorial neste processo é fundamental, transcendendo a função estética para se tornar uma ferramenta de escuta e mediação cultural. Cada escolha de diagramação e organização visual foi pensada para amplificar a voz dessas crianças, legitimando suas narrativas e garantindo que o saber cotidiano delas seja valorizado e democratizado. Para garantir que a pesquisa fosse feita com as crianças e não sobre elas, adotamos a metodologia da pesquisa-ação, que valoriza a participação ativa e a construção colaborativa do conhecimento.



14 A cidade como a gente vê

A cidade como a gente vê 15



O primeiro passo para a abordagem foi criar um espaço de sensibilização que permitisse às crianças refletir sobre perspectiva e ponto de vista. Através de discussões lúdicas e introdutórias, trabalhou-se a ideia de que cada pessoa percebe e representa o mundo de formas distintas, conforme sua posição, afetos e experiências vividas. Este trabalho preparatório foi fundamental para que as crianças compreendessem o projeto não como um registro documental neutro, mas como uma oportunidade de expressar seu próprio olhar sobre a cidade onde vivem.

Em seguida, o processo de coleta de dados se deu em etapas claras: câmeras foram entregues às crianças, que as levaram para casa e tiveram a liberdade de fotografar o que quisessem em seu cotidiano, garantindo a autenticidade do olhar sem interferência direta da pesquisadora. Esta autonomia na produção das imagens é central para a metodologia adotada, permitindo que as crianças capturassem aquilo que realmente importa para elas – não o que um adulto imaginaria ser importante.

Após a coleta, as crianças se reuniram em um grupo focal onde as imagens foram projetadas e discutidas em conjunto. Foi neste diálogo que os temas centrais deste livro emergiram naturalmente das conversas, e as palavras das crianças conferiram profundidade e legitimidade à análise visual. As fotografias que o leitor encontrará nas próximas páginas são o resultado desse processo colaborativo e reflexivo. Elas nos mostram a periferia não através do filtro da carência ou do estigma, mas sim pela perspectiva de quem a habita com curiosidade, afeto e esperança – perspectivas que frequentemente permanecem invisíveis nas narrativas hegemônicas sobre a cidade.

Os Coautores Deste Livro

Este livro é um convite para ver o mundo pelos olhos de Dom, Leo, Iris, Luna e Sol.

Por questões éticas e para preservar a identidade de cada um, estes são nomes fictícios. No entanto, a autenticidade de seus olhares e a força de suas vozes são absolutamente reais.

Nas páginas a seguir, você conhecerá o mundo que eles escolheram registrar.





As imagens que compõem este capítulo são um testemunho da vida que pulsa na periferia, capturada por quem a vive sem filtros. Para o olhar adulto, muitos dos cenários aqui presentes podem evocar a carência, a ausência de infraestrutura ou a dificuldade. No entanto, o que o olhar da criança revela é algo muito mais profundo: a normalização da dificuldade e a resiliência inata em transformar o espaço.

A normalização, neste contexto, não deve ser confundida com aceitação passiva. Ela é, na verdade, a incorporação do ambiente como ele é, sem o filtro da crítica social que o adulto carrega. O muro rachado, o beco estreito, o entulho na esquina, elementos que seriam vistos como obstáculos ou problemas, são simplesmente integrados à paisagem do brincar e do viver. As crianças, em sua essência, não esperam que o mundo se adapte a elas; elas adaptam o mundo ao seu desejo de existir. Essa capacidade de integrar o que é imperfeito ao seu universo é o primeiro e mais poderoso ato de resistência.

É nesse processo de adaptação que a resiliência se manifesta com força criativa.

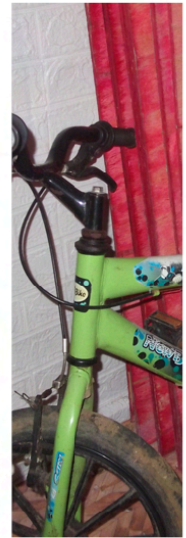
As fotografias mostram que, onde o adulto vê um obstáculo, a criança enxerga uma oportunidade. O espaço, muitas vezes negligenciado pelo poder público, é ressignificado pela imaginação e pela ação. O que poderia ser um cenário de tristeza é transformado em palco para a aventura, o riso e a invenção. Vemos nas imagens a invenção de brinquedos a partir de sucata, a criação de atalhos em terrenos baldios e a celebração de pequenos espaços verdes que insistem em crescer entre o concreto. A vida na periferia, sob a lente infantil, não é definida pela falta, mas sim pela capacidade extraordinária de criar o cotidiano a partir do que se tem.





24 A cidade como a gente vê

Leo é o guardião do seu universo particular. Suas fotos se concentram no que ele pode controlar e amar: seus brinquedos favoritos, como o dinossauro de papelão, e a natureza que o cerca. Ele é a criança que ainda não se preocupa com a crítica social, mas sim com a construção do seu mundo. Sua convicção de que a natureza e os animais são as coisas que ninguém pode tirar de lá é um manifesto ecológico e afetivo.



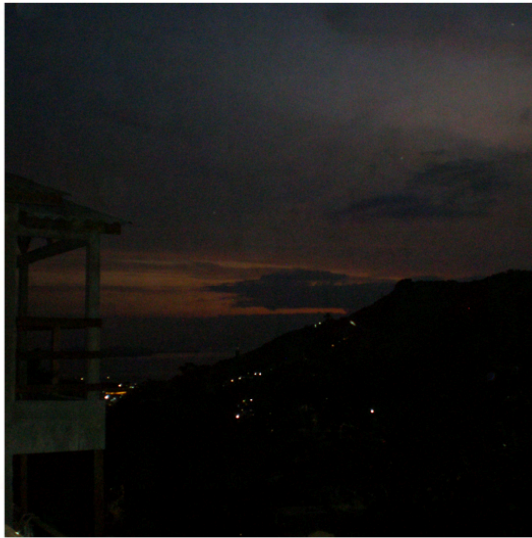
A cidade como a gente vê 25

Essa afirmação simples e profunda transforma a vulnerabilidade da moradia em uma vantagem metafísica. O que o adulto pode ver como isolamento ou carência, a criança ressignifica como um privilégio: estar mais perto do céu, mais perto do sagrado. É a resiliência em sua forma mais pura, onde a dificuldade é transmutada em poesia e a limitação física se torna uma elevação espiritual.

A frase de Leo, capturada durante a discussão sobre suas fotografias do céu, é um lembrete poderoso de que a localização geográfica do morro oferece, paradoxalmente, uma proximidade espiritual. Não se trata apenas de uma questão de altitude, mas de perspectiva.

26 A cidade como a gente vê





28 A cidade como a gente vê



Sol nos convida a ver o mundo através de sua janela. Seu olhar é de observação e, sobretudo, de humor. Ela se diverte com a arquitetura informal da comunidade, notando que as casas são "engraçadas", com seus formatos variados: umas mais finas, outras mais grossas, umas mais altas, outras mais baixas. Essa perspectiva transforma a desordem urbana em uma galeria de arte espontânea e cheia de personalidade.

Sol nos mostra que a periferia é um lugar de surpresas e que a capacidade de rir e se maravilhar com o que é diferente é uma forma poderosa de pertencimento e de afirmação da identidade local.



A cidade como a gente vê 29



32 A cidade como a gente vê



"Piscina de mosquito"

O olhar de Iris é o contraponto necessário à celebração de Dom. Ela nos lembra que a periferia é também um lugar de descaso e abandono. Suas lentes se voltam para o que o olhar hegemônico prefere ignorar: a pilha de lixo e entulho que se acumula perto das trilhas, um símbolo da ausência de infraestrutura básica. Onde Dom via cores, Iris vê a sujeira que ameaça a saúde e a dignidade.

A crítica de Iris se aprofunda ao fotografar a fonte no mesmo parquinho que Dom celebrou.

Para ela, a fonte não é um ornamento, mas um símbolo de promessa não cumprida. A água parada, sem fluidez, é vista com preocupação:

"[...]A água que tem ali é só para chamar dengue".

Essa observação revela uma consciência aguda dos riscos ambientais e de saúde pública que permeiam seu cotidiano. Iris nos ensina que o amor pelo lugar onde se vive exige a coragem de denunciar o que precisa ser mudado.

A cidade como a gente vê 33



"Fundo de quintal"

Iris

34 A cidade como a gente vê



Iris
"Bagunça de frente pra igreja"

A cidade como a gente vê 35



Dom nos guia pelos pontos de luz de sua comunidade. Suas lentes se concentram no que ele considera belo: as flores vibrantes, os grafites que dão cor aos muros e o parquinho da praça, local de encontro e de alegria. Dom celebra o que é colorido e bem-cuidado, mas sua percepção é complexa. Ele sintetiza a experiência da periferia ao dizer que **"aqui no morro tudo é mais colorido mas as paredes são mais molhadas"**. Essa frase revela a consciência da dualidade: a alegria da vida comunitária coexiste com a dura realidade estrutural. Seu olhar valoriza o que é bom, mas não ignora o desafio, ensinando que a beleza não anula a dificuldade, mas a torna suportável.



Luna nos convida a celebrar a arte que nasce na rua. Suas fotos são um hino aos grafites, murais e pichações que transformam as paredes da comunidade em uma galeria a céu aberto. Para ela, essa explosão de cores é o que há de mais bonito no morro, uma expressão viva da identidade local.

A percepção de Luna é profundamente política, embora expressa com a simplicidade da infância. Ela nota o contraste entre a repressão na "cidade de baixo" e a liberdade criativa em sua comunidade: "é todinha colorida, o pixo lá embaixo eles mandam lavar, aqui em cima pode desenhar". Essa frase revela que a periferia é um espaço onde as regras da cidade formal são subvertidas, e a arte marginalizada encontra seu lugar de direito. Luna nos ensina que a beleza é também um ato de resistência e que a liberdade de expressão está pintada em cada muro.





"Soneca da tarde"
Luna



"O chão que eu piso"
Luna



Ao fechar este livro, o leitor não encerra apenas a leitura de um projeto de design, mas sim um convite à reflexão profunda sobre a cidade que habitamos e, mais importante, sobre a cidade que estamos construindo. A crítica central deste trabalho reside na invisibilidade da infância periférica de Florianópolis, um silêncio que a cidade formal impõe e que este projeto buscou, através da fotografia e do design editorial, romper. O que as lentes de Dom, Leo, Iris, Luna e Sal nos revelaram é que a periferia não é um vazio a ser preenchido por políticas públicas, mas um território vibrante, complexo e cheio de significados próprios.

A justaposição dos olhares, como o contraste entre a celebração das cores de Dom e a denúncia do descaso de Iris, é a prova mais eloquente da complexidade do Monte Serrat. As crianças nos mostraram que a vida ali é feita de contradições que não podem ser simplificadas. Elas nos ensinaram sobre a resiliência — a capacidade de transformar um obstáculo em palco para a brincadeira — e sobre a normalização da dificuldade, que é a forma como a infância se adapta para sobreviver e florescer em um ambiente que, muitas vezes, não foi pensado para elas. A frase de Leo, de que “moramos mais perto de Deus”, é a síntese poética dessa resiliência, transformando a vulnerabilidade geográfica em uma vantagem espiritual.

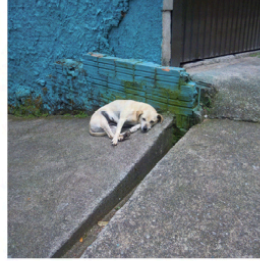
O design editorial, neste contexto, cumpriu seu papel de ferramenta de escuta e amplificação. Não se tratou de embelezar a pobreza, mas de apresentar a autenticidade do olhar infantil com a dignidade estética que ele merece. Ao dar forma e voz a essas narrativas visuais, o livro se torna um espelho para a comunidade e uma janela para a cidade. Ele exige que o leitor reconheça a autoria e a agência dessas crianças, que são sujeitos ativos na produção de cultura e de sentido.



A verdadeira conclusão deste trabalho não está nestas páginas, mas na ação que ele inspira. As crianças são, inevitavelmente, o futuro, mas o olhar delas é o nosso presente mais urgente. Se a cidade que vemos hoje é marcada pela desigualdade e pela invisibilidade, a cidade que elas veem é um mapa de possibilidades, de afetos e de críticas honestas. O futuro está, literalmente, em nossas mãos, e ele começa com a capacidade de ouvir e de enxergar o que a infância periférica tem a nos dizer. Que este livro sirva como um lembrete constante de que o primeiro passo para a mudança é o despertar do olhar, e que a responsabilidade de construir uma cidade mais justa e inclusiva é de todos nós.



46 A cidade como a gente vê



A cidade como a gente vê 47



48 A cidade como a gente vê



A cidade como a gente vê 49

